



**MAXIMIANO ROLA** (à direita) e **SERAFIM PAULO**  
os dois valorosos amadores do Lisgás, 1.º e 2.º  
classificados da sua categoria à chegada à Guarda

# Stadium

N.º 194 — 21 de Agosto de 1946 — Esc. 2\$00



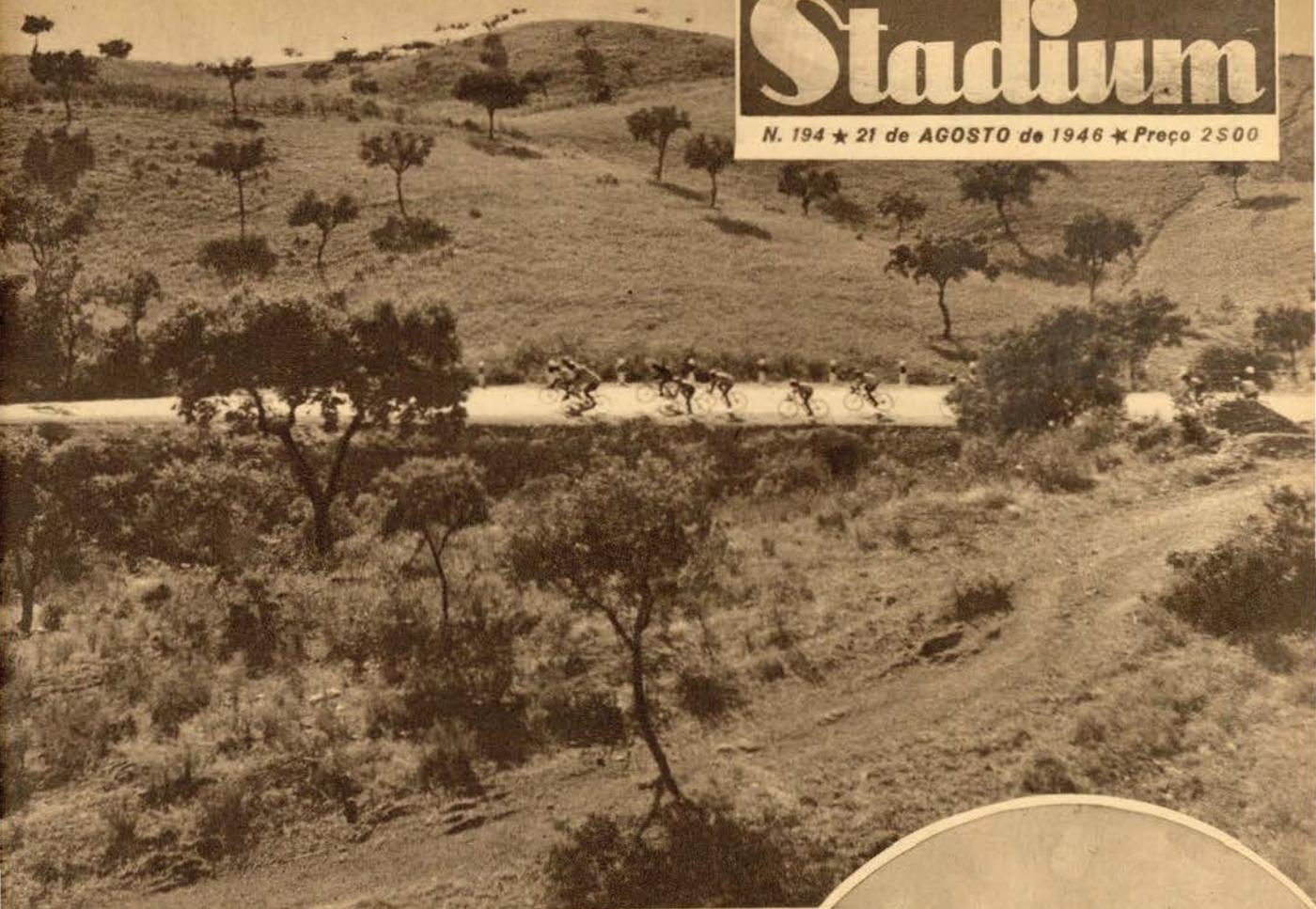
# FLECHA

*A Bicicleta da Actualidade*

**A ILUMINANTE**

**STAND FLECHA**

Largo do Intendente — LISBOA



*A serra do Caldeirão! Mas os ciclistas venceram-na, animosos e enérgicos.*

*João Rebelo, o homem da camisola amarela, entre João Lourenço e Aristides Martins. Três «leões»... da estrada.*

— **E**STES rapazes são uns heróis! E a velhota, um rostozinho queimado pelo sol forte do Alentejo, ficou presa de admiração, ali encostada à berma do caminho, olhando aqueles «diabos», passando como flechas na estrada que escaldava, insensíveis ao esforço, os músculos quase rebentando.

É preciso andar na «volta», acompanhar lado a lado os campeões da estrada para se compreender o valor desportivo destes homens, que ao som do tirinho disparado na Cova da Piedade se lançaram em corrida através as estradas de Portugal, numa volta imensa, eivada de todas as contingências, desde o furo enervante que num momento destrói e paraliza a corrida vertiginosa, até aos mais variados casos de que está rodeada uma prova desta natureza. Por isso é exemplo admirável o brío desportivo dos ciclistas da Volta a Portugal. Prova de campeões — eles o estão demonstrando — animosos na luta, fortes no desejo de vitória, onde há o grande prémio, a camisola tentadora, cor de ouro, e sempre uns tantos sorrisos das raparigas esbeltas da nossa terra.

A mancha alegre dos ciclistas, nos tons garridos das suas camisolas, rola através as estradas, pondo na paisagem variada uma nota de mais alegria. Nem o suor ensopado pela terra da estrada consegue descobrir as cores berrantes, das suas equipas, verdes, azuis, encarnadas, pequeninas bandeiras que são o reflexo do valor e da beleza de uma prova desportiva.

E ei-los que chegam! Em corrida louca, num último impulso pela conquista do seu ideal, os olhos brilhantes de emoção, o peito arfante pela intensidade da corrida. Há foguetes, que estremejam como nas romarias, música vibrante, de sons metálicos que ficam no ar, palmas e vivas e flores. É um ambiente de festa, saudável, que o desporto proporciona quando chegam os corredores da Volta a Portugal. E a alegria do povo anda todo o dia presa da sua curiosidade pelo feito daqueles rapazes.

De manhãzinha, quando eles se agrupam para de novo retomarem a estrada, longa, muito longa, que os há-de levar ao triunfo final, lá anda em redor deles o mesmo interesse, a alegria do bom povo, com mais vivas, as suas palmas vibrantes, os seus foguetes e outra vez mais flores. É assim, neste ambiente, que a «Volta» decorre. Ontem, hoje, durante estas duas dezenas de dias, arrazando-nos pela emoção, pela alegria.

Que coisa linda é isto da «Volta a Portugal», este grupo de desportistas de fina tèmpera, em ligação íntima, impressionante, com as belezas incomparáveis da terra portuguesa.



# Os ciclistas são recebidos em todas as terras com entusiasmo e o seu esforço é compreendido

## Começaram a desencadear-se os ataques e cada equipa prepara os seus golpes

(Dos nossos enviados especiais TAVARES DA SILVA e RODRIGUES TELES)

BEJA, 15 (Pelo telefone)—São decorridas cinco tiradas, e a prova está agora em pleno desenvolvimento. Os primeiros quilómetros serviram apenas para acertar a pedalada. Tiveram, além disso, o mérito de servir como medida de valores e de dar a forma actual dos concorrentes. Todos, os que dirigem e os que correm, estão inteirados e já recolheram os dados suficientes para jogarem um papel decisivo no momento oportuno.

A Volta, mesmo no aspecto técnico, oferece cores distintas. Se a luta propriamente de equipas corre a cargo em especial da luminante e do Sporting, podendo o Lisgás desempenhar acção de relevo, já o pleito individual nos dá outro colorido. Há que destacar, dentro de cada equipa, o mais apto, em certa altura, a quem todos do mesmo núcleo deverão auxiliar (e algumas equipas têm ases de valor aproximado!), e, em equipas incompletas ou fracas no seu conjunto, surge um ciclista de classe capaz de cortar a meta decisiva em primeiro. Poderá, portanto, suceder que, na luta heróica e sacrificada que os grandes vão certamente travar, venha a ganhar um que, porventura, noutras condições, não ganharia...

Também se apresenta muito curioso o problema dos amadores, tanto a questão individual como a colectiva. É um caso intrincado, talvez mais difícil no aspecto colectivo. Os quatro que seguem individualmente à frente, Maximiano Rola, João Lourenço, Serafim Paulo e Manuel Palmeiro, aparecem como mais aptos, mas o equilíbrio das equipas é acentuado, e não devemos esquecer que uma diferença, mesmo considerável, de tempo, poderá ser anulada numa só jornada. Vêm aí os contra-relógios para auxiliar o desgaste, lançar a perturbação, mas também clarificar as coisas.

Agora reparamos que, insensivelmente, caímos no aspecto técnico, de que está encarregado

um distinto camarada, e não queremos meter a foice em seara alheia. Mudemos, portanto, de rumo. Ainda vamos a tempo!

O trajecto de Setúbal a Ferreira do Alentejo foi, de certo modo, repousado. Os ciclistas ergueram-se cedo, mas mostraram depois o seu mau humor. De Ferreira do Alentejo a Faro, por estrada poeirenta e de piso irregular, o pelotão desbaratou-se. A chegada a Faro foi presenciada por milhares de pessoas, que viveram intensamente o momento da chegada.

De Faro a Castro Verde não se registaram incidentes ou qualquer coisa de extraordinário. A recepção, magnífica, teve igualmente o cunho do entusiasmo. Todo o povo da terra interessado na luta. Em Beja, após uma tirada que esteve longe de ser passiva, pois se registou o desencadear premeditado do primeiro ataque, a cargo de José Martins, e lançado pela luminante, também os corredores eram aguardados por milhares de pessoas. Beja acolheu galhardamente os representantes do ciclismo nacional. De resto, todas as terras, cidades ou vilas que se atravessam ou onde se chega, capricham na recepção, vibram e entusiasmam-se, ao ponto de não se saber quem, neste capítulo, envergará a chamada camisola amarela.

Já que falamos em camisola amarela, devemos dizer que o seu portador assume, ao vesti-la, grandes responsabilidades, passando a ser o alvo para o qual todos os candidatos procuram assentar as suas setas. Ai dele, se tem uma avaria, ou um momento de desfalecimento. E, no entanto, caso curioso, todos desejam ardentemente a camisola amarela, o símbolo do primeiro.

Digam o que disserem, ou julguem o que quiserem aqueles que nunca andaram nas andanças de uma Volta, esta grande prova ciclista entrou decididamente no gosto da gente portuguesa. Nas mais pequenas e humildes po-

voações, perdidas na serra ou no deserto, o trabalho paralisa. É dia de festa! Todos vestem os seus melhores trojes e vêm para a estrada ver passar os corredores. Há sítios que se interessam mais pelo ciclismo do que outros, mas o nível de vibração é idêntico. Por exemplo, no Algarve, o povo tem a sua fé nos corredores algarvios e segue a sua trajetória, sem perder um detalhe, por mínimo que seja. Barros é um menino bonito. Depois, o povo também colabora — mesmo activamente. Já tivemos alguns trechos de corrida infernais. Ninguém põe na sua ideia o que é correr em uma estrada encolto em nuvens de poeira, às vezes barrenta, ou subir uma serra sob um calor tropical, num esforço

supremo! Pois os corredores encontram sempre no seu caminho, logo que lhes surge uma casinha, mulheres do povo, e mesmo gente de categoria, com água, em bilhas ou em outros vasos. Os corredores chegam a invadir a casa das pessoas, na ânsia de se refrescarem rapidamente, encherem os bidons e pôr-se em movimento o mais depressa possível. E as pessoas ainda têm um gesto de agradecimento. Coitadinhos! — dizem...

E cedo ainda para dizer quem vencerá esta décima primeira Volta a Portugal, de méuias mais elevadas do que as anteriores e de aspectos grandiosos e emocionantes à mistura com alguns trechos de menor interesse. Seja quem for — é um herói!

## A fuga espantosa do marroquino Driss



DRISS, o autor da audaciosa «fuga» na etapa Beja-Évora

ÉVORA, 16 (pelo telefone) — Deixamos Beja sem saudades! No turbilhão da Volta a Portugal um dia de repouso — quase dois, nesta hipótese — dá a sensação de muito tempo em inactividade. Logo que o sr. Governador Civil de Beja envergue a camisola amarela a Fernando Moreira e a Maximiano Rola, pusemo-nos em mo-

vimento — das portas de Mertola. Tinham-nos dito que só encontrávamos um trecho mau e relativamente curto de estrada. Afinal, só lá muito para diante, quase em S. Manços, pudemos respirar livremente. Até aí vivemos, atormentados pela poeira e pelo calor,

(Continua na página 6)

PORTALEGRE, 17 (Pelo tele-  
fone)—Deu-se-nos, enfim, um es-  
pectáculo inédito, uma tirada con-  
tra-relógio, Évora-Estremoz.  
Apesar da partida, nesta espécie  
de provas, ser um pouco monó-  
tona, a assistência resistiu e con-  
servou-se na meta durante horas  
e horas. Os verde-brancos partiam  
sob os mais calorosos aplausos...

Fazia calor e o dia conservava-se  
sereno. Nem sequer uma leve  
brisa. As folhas das árvores re-  
pousavam. Por singular contraste,  
nesta quadra tranquila da Natu-  
reza, travou-se uma batalha de  
grande beleza, em que todos os  
atletas — generosamente — consu-  
miram energias.

Como espectáculo, semelhantes  
provas oferecem pouco interesse.  
É mais belo ver todos em con-  
junto — no confronto da pedala-  
da. No entanto, que coragem, que  
energia, e que espantosa tenaci-  
dade é necessária para vencer o  
tempo, com um ponto apenas de  
referência: o homem que partiu  
adiantado!

Seguimos viagem após ter parti-  
do o homem da camisola amarela.  
Encontrámo-los quase todos  
pelo caminho, desfazendo-se em  
espuma de suor — numa cadência  
certa e rítmica. Aqueles que mais  
nos impressionaram haviam mais  
tarde de vencer — José Martins e  
João Rebelo. O iluminante peda-  
lava com regularidade de cronó-  
metro, e o sportinguista já tinha  
ultrapassado o seu competidor da  
frente e a sua máquina avançava —  
acutilante — no espaço. Quando,  
na meta de Estremoz, depois da  
chegada, verificámos o grande  
triunfo de João Rebelo, vimos que  
ele correspondia a um esforço  
atlético de incalculável poder e  
energia. José Martins era o se-  
gundo, por direito de conquista, e  
havia ainda a registar magníficos  
percurso.

O mesmo dia dezasseis, de tar-  
de, deu-nos o contraste, e do indivi-  
duo passou-se para o conjunto.  
Supusemos que nada iria passar-se  
de novo ou de notável, dado o es-  
forço da manhã.

Estremoz também recebeu e  
despediu os corredores com o  
mais vivo entusiasmo.

Afinal, um acidente sucedido ao  
homem da camisola amarela — ao  
que parece, esta é inconstante! —  
modificou totalmente as coisas.  
Ao dar-se o furo de João Rebelo,  
o pelotão estremeceu.

A luta, nesta altura, chegou a  
empolgar-nos — dominando. Os

## Custódio dos Reis

ganha em Castro Verde

Numa prova como a Volta a  
Portugal, — nada e tudo está pre-  
visto. Para os corredores, a roda  
anda e desanda, e o facto de ser  
hom não chega.

Ainda agora se viu isso na  
etapa Faro-Castro Verde, no to-  
cante a Eduardo Lopes, vencedor  
da duríssima etapa Ferreira do  
Alentejo-Faro. Quando vinha  
embalado, no pelotão da frente,  
a cerca de 1.000 metros da meta,  
ensarihou-se com um amator e  
Dias Santos, e da queda de todos  
resultou uma perda de tempo,  
além de inevitáveis contusões.  
Lopes e Dias Santos, principal-  
mente este, atingiram a meta bastan-  
te magoados.

Claro: — contingências da Volta.  
Da Volta e do azar. Que na tira-  
da Faro-Castro Verde, em boa  
verdade, apenas houve este desas-  
tre de maior vulto. Aniceto Bru-  
no, o chefe da equipa do F. C. do  
Porto, maltratado por quedas no  
percurso Ferreira do Alentejo-  
Faro, desistiu pouco depois da  
partida da capital do Algarve e  
tomou o lugar de orientador téc-  
nico da sua equipa.

A subida e a consequente des-  
cida da famosa serra algarvia do  
Caldeirão fatigou os corredores  
menos fortes, mas nenhum dos  
ases cedeu a qualquer tentativa

(Continua na página 11)

## AS ETAPAS CONTRA-RELÓGIO

# Batalhas de grande beleza

em que todos os atletas consomem  
generosamente energias

(Dos nossos enviados especiais TAVARES DA SILVA e RODRIGUES TELES)

da frente, e mais directos adversá-  
rios do Sporting, reagiram de  
pronto. João Rebelo, com o bom  
auxílio de Império dos Santos,  
reagiu admiravelmente, reduzindo  
ao mínimo a perda do tempo. A  
têmpera dos campeões é diferente  
da dos outros atletas! João Rebelo,  
pela forma como reagiu ao tre-  
mendo ataque desencadeado pelos  
grandes estradistas iluminantes,  
conserva a camisola amarela. Ve-  
remos o que vai passar-se daqui  
a pouco.

Para a etapa Évora-Estremoz  
estava marcado um «contra-re-  
lógio». Serviu à maravilha para João  
Rebelo conquistar a «camisola  
amarela», mercê da vantagem  
adquirida através de um percurso  
que percorreu num andamento  
duro.

Os corredores partiram de 2 em  
2 minutos, e, para se avaliar da  
maneira como João Rebelo atacou,  
basta dizer que Fernando Mo-  
reira, corredor rápido, chegou 5  
minutos depois do vencedor.

Alguns corredores, como José  
Martins, Eduardo Lopes e João  
Lourenço, comportaram-se, tam-  
bém, valorosamente e conseguiram,  
por isso, boa posição. As tira-  
das «contra-relógio» precisam  
de corredores com espírito de sa-  
crifício — e João Rebelo e José  
Martins deram-se à luta com toda  
a sua melhor vontade.

Também os amadores, uns mais  
do que outros, se salientaram no  
«contra-relógio». Um rapaz do  
F. C. do Porto, Joaquim Costa,  
obteve excelente média e seria,  
mesmo, o 20.º na classificação  
geral.

Rebelo experimentou dificulda-  
des, a seguir. Um pequeno lote de

corredores vanguardistas — Mar-  
tins, Moreira, Lourenço, Djilali,  
Driss, etc. — empertigou-se logo  
de entrada. A fuga foi rápida, va-  
lorosa, mas João Rebelo, ajudado  
o mais possível por Império San-  
tos, individual português, atra-  
sou-se, apenas, cerca de 2 minutos.

A «camisola amarela» ficou  
ainda com ele. Habituaados como

estamos, porém, às andanças da  
«camisola amarela», não nos sur-  
preenderá qualquer surpresa. Ven-  
ha de onde vier...

Nesta etapa ficaram também  
para a rectaguarda alguns «inde-  
pendentes» que foram derrotados  
por vários independentes. Onofre  
Tavares, frágil e novato, foi um  
deles.

## RODRIGUES TELES

da «Stadium»

que seguia na «Volta a Portugal»

como jornalista

foi vítima de um estúpido acidente

Rodrigues Teles, nosso querido  
companheiro de trabalho, que an-  
dava no serviço de reportagem da  
Volta a Portugal, foi vítima de um  
estúpido acidente. Em Portalegre,  
no passado sábado, quando se en-  
contrava no Largo do Café Alente-  
jano, a camioneta das malas da  
Volta atropelou-o. O facto deve-se  
à imperícia do condutor, que, tendo  
feito mal a curva, raspou a parede  
e, para se livrar do obstáculo, foi  
atropelar o nosso prezado redactor.

Tratado no hospital de Portalegre,  
carinhosamente, pelo sr. dr. Mário  
Frederico Costa, e pelo pessoal de  
enfermagem, e verificada a neces-  
sidade de tratamento urgente em  
Lisboa, seguiu para a capital, de  
automóvel, ficando internado no  
hospital de S. José.

A notícia do desastre provocou  
na caravana da décima primeira  
Volta a Portugal sincera mágoa,  
pois Rodrigues Teles, que a acom-  
panhava com entusiasmo e alegria,  
já conseguira grangear os mais  
vivos simpattas. Todos eram seus  
amigos.

Os jornalistas que estão na  
grande competição ciclistica envia-  
ram a Rodrigues Teles um signifi-  
cativo telegrama, expressando-lhe a  
sua mágoa.

O atropelamento provocou frac-  
tura exposta da tibia da perna di-  
reita, supondo-se, a princípio, que  
fosse ainda de efeitos mais graves.  
No hospital de S. José reconhe-  
ceu-se que os ferimentos eram de  
molde a causar menos apreensão.  
Esta notícia, logo que conhecida  
por intermédio do sr. Amadeu  
Seabra, aliviou um pouco a mágoa  
da caravana.

Ao fim da tarde de sábado o  
nosso querido companheiro de tra-  
balho chegava a Lisboa, acompa-  
nhado do nosso correspondente

em Portalegre, sr. Maximiliano An-  
drade Ralo, que foi de uma carli-  
nhosa solicitude.

No hospital de S. José, em cujo  
Banco Rodrigues Teles deu entrada,  
tudo se preparava para o receber.  
Tanto o nosso prezado colega  
«Diário de Lisboa», de cuja equipa  
de reportagem o nosso camarada  
fazia parte, como «Stadium» tinham  
providenciado para que nada fal-  
tasse.

Já ali estavam os srs. Amadeu  
Seabra, gerente da Sociedade de  
Revistas Gráficas e José Soares,  
administrador da nossa revista, cole-  
gas de redacção e amigos.

O sr. dr. João Cid dos Santos  
— que nesse dia chefiava a equipa  
de médicos de serviço — coadju-  
vado pelos drs. Oliveira Pinto e  
Fragoso e pelas enfermeiras Maria  
Carmen, Ambrozio e Mendonça,  
prontamente socorreram Rodrigues  
Teles, que teve de suportar a neces-  
sária intervenção cirúrgica.

Rodrigues Teles transitou, na tarde  
de domingo, de sala de observa-  
ções do hospital de S. José para a  
Casa de Saúde de Benfica.

Carinhosamente, de uma amabi-  
lidade que a todos nós calivou,  
Rodrigues Teles teve a seu lado a  
sr. D. Alda de Oliveira, esposa do  
nosso amigo e camarada Raul de  
Oliveira. Aquela senhora, sabendo  
que a esposa e filha do nosso  
colega se encontravam na Beira, e  
enquanto não puderam chegar  
junto do doente, dispensou a Ro-  
drigues Teles todos os cuidados,  
acompanhando, logo que chega-  
ram a Lisboa, a esposa e filha do  
nosso camarada.

O nosso bom e querido compa-  
nhero de trabalho tem recebido  
inequívocas provas de simpatia e  
amizade, que nos apraz registar —  
com os desejos das suas melhoras  
rápidas.



# HOMENS da XI "VOLTA" Eduardo Lopes não deseja ainda a "camisola amarela" mas confia nos seus músculos

— Maravilhosos. Ainda não deram de si...  
O delegado do G. D. da Iluminante, Artur de Carvalho, trabalhador infatigável, não perdendo nada de vista, a todos vigia.  
— Para já, luta por equipas! O resto virá a seu tempo...  
— Isso é dizer...

— Que tenho rapazes para a «Volta». Daqui para Lisboa muito terá de ver-se. Eu estou confiado, e eles também. O resto é com o Destino!

E é mesmo. Numa prova dura como a «Volta» a Portugal temos de confiar na sorte. Que vale ser bom se na pior altura surgirem contrariedades!

Seja como for, a Volta a Portugal vai prosseguir. Com todos os seus asos. Os corredores, valentes, confiam na sua estrela, e podemos garantir daqui, a poucas horas da partida para Évora, que ainda se «discutirá» muito pelo caminho. «Há muitos quilómetros na frente» — afirmou Eduardo Lopes. Pois há, sim.

E cada subida, rapazes!...

RODRIGUES TELES

O dia de descanso, em Beja, serviu-nos à maravilha para abrir as portas da intimidade em que estavam fechados os ciclistas da XI Volta a Portugal em bicicleta. De Alameda até Faro, tudo era mais difícil. Os corredores, como toda a gente que compõe a caravana, mal haviam despertado ainda para a prova.

Mas, à medida que a capital ficava para trás, atravessada a aridez alentejana e já próximo o Algarve, nesta altura despido das suas belas flores de amendoeira, mas belo e garrido como as suas moçoilas, — o ambiente começava a integrar-se no seu verdadeiro tom desportivo. Na capital algarvia já o jornalista podia colher elementos para a reportagem.

Assim sucedeu. Eduardo Lopes, o fortíssimo corredor do G. D. da «Iluminante», vencendo com muito brilho a dura etapa Ferrel da Alentejo-Faro, declarou-nos à chegada que estava contente, sem dúvida alguma, mas desinteressado por enquanto da «camisola amarela».

Teria sido o princípio de uma entrevista se o admirável velocipedista não tivesse necessidade de ir descansar e banhar-se, o que melhor sabe aos corredores no fim de uma tirada difícil.

Ficou a palestra interrompida para prosseguir em Castro Verde e concluir-se em Beja. Como nas corridas: — uma entrevista por etapas...

Na vila alentejana, com a Serra do Caldeirão para a retaguarda, montes e montes batidos pelo sol escaldante, onde a tortura da sede afligia todo o mundo, conversamos com mais tempo. Após o almoço, Eduardo Lopes, enquanto aguardava a hora da partida para Faro, sentou-se junto de uma sombra acolhedora. Perto de si, de nós — a sua inseparável «flecha».

Haviam-nos dito que Eduardo Lopes era inacessível. Que não gostava de entrevistas...

Afinal, nada mais fantástico. Eduardo Lopes conversou o tempo que quisemos, bem disposto, sereno e bom companheiro. Apenas de quando em vez houve necessidade, coisa natural, de pedir à legião de admiradores que o rodeavam o favor de ir para longe... Nisso o ajudamos também...

— Que impressões tem da «Volta»?

— Da parte que já percorremos? Da organização?

— Do que entender...

Parece-me cedo para dar opiniões. Bem vê: — faltam tantos quilómetros! Isto quanto a possibilidades individuais ou colectivas. Sobre a organização, não me cumpre dizer nada. Compreende...

— O Eduardo Lopes ainda não queimou os seus cartuchos...

— E parece-me que o mesmo acontece com os possíveis vencedores. O que importa, por enquanto, é manter boa posição. Na primeira etapa contra-relógio talvez já apareça alguma coisa de novo, algumas surpresas, algumas desilusões...

— Não há, portanto, vencedor à vista...

— Nada disso! De resto...

— ?

— Ainda não quero ouvir falar em «camisolas amarelas». Que perigo? Lá mais para diante, quando o desgaste se verificar, então já o caso merece estudo e observação cuidada por parte dos interessados.

— E o Eduardo Lopes é um deles!

— Pois sem dúvida. Corremos para ganhar...

— Sobre a sua equipa? A luta Iluminante-Sporting entra na «ordem do dia»...

— Quanto a isso, devo dizer-lhe que procuramos todos a melhor classificação.

Já passámos ao ataque. Lamento apenas uma queda que a poucos metros da meta, em Castro Verde, me tirou alguns segundos. Eu não concordo com a mistura dos amadores com os independentes. Não quero ser duro com os rapazes amadores, mas nós temos as nossas aspirações, propósitos justos de vitória. A queda que dei foi provocada, evidentemente com seu propósito, por um amador.

— Isso causa-lhe, nesse caso, certo aborrecimento, não é verdade?

— Vistas as coisas de certa maneira, é verdade. Mas aponte uma coisa: — o ciclista não é tão mau como o pintam. Nós temos nervos, que a própria «Volta» excita, mas também sabemos julgar...

Raul de Oliveira chamava nesta altura os corredores. Eram horas de partir para Beja. Na capital alentejana, Eduardo Lopes não abandonou o descanso. Cuidado de si. Os simpáticos marroquinos Djillali e Driss, sempre alegres, foram os mais vistos na cidade. Djillali, bom humor permanente, brincava como qualquer criança crecida.

— Como vão esses músculos?



1 — Os «Iluminantes» — despreocupadamente (?) — em Beja.

2 — Eduardo Lopes vai vingar-se da sede tormentosa que sofreu na estrada, quando o sol escaldava e a poeira era sufocante.

3 — O campeão da «Iluminante» comprou um burro. Para uma Volta a Portugal?

4 — Eduardo Lopes foi preso! Por correr tanto?...

# OS HOMENS da CAMISOLA AMARELA

É o grande desejo, a grande alegria do corredor que anda na «Volta». A camisola amarela! O símbolo da vitória das asas da estrada. E depois, que orgulho, correr pelas estradas sem fim, subir a montanha, entrar na meta, envergando a linda camisola.

— Olha vai ali o homem da camisola amarela! A exclamação é sincera, de entusiasmo. E o corredor bem a ouve, os músculos parece que enrijam mais, a máquina voa. Há o desejo de chegar, de vencer e mais do que isso, de defender o grande símbolo de campeão.

Estamos na XI Volta a Portugal. Até hoje nomes dos melhores do ciclismo nacional têm recebido com justificado orgulho a honra de vestir a camisola amarela.

Na «I Volta», em 1921, o primeiro a vesti-la foi Quirino de Oliveira, na primeira etapa, em Setúbal. Depois durante várias tiradas a luta pela camisola travou-se entre Quirino e António Augusto de Carvalho, mas na etapa Braga-Porto, o portuense Manuel Nunes de Abreu, passou ao primeiro posto da classificação. Depois António Augusto de Carvalho conseguiu a «camisola» na etapa Porto-Colmbra e trouxe-a até Lisboa, vitorioso.

Na «II Volta» José Maria Nicolau foi o primeiro a vestir a «camisola amarela», mas João Francisco logo em Sines lha arrebatou, para a despir na jornada seguinte em favor de Eugénio Martins, que corria em «fracos». Na etapa Beja-Evora, Nicolau vestiu-a novamente e não defendeu-a até final.

Quando da «III Volta», foi também Nicolau quem primeiro vestiu a camisola cor de ouro, levando-a até Castelo Branco, mas Trindade conquistou-lha na Serra da Estrela e não mais a largou.

Na «IV Volta» Cesar Luis, em Santarém, foi o primeiro a vestir a «camisola», mas Trindade ganhou-a alguns quilómetros depois para não mais a despir.

A «V Volta» entregou a primeira camisola a Francisco Duarte, Cesar Luis, logo a seguir, conquistou-a, mas desde Evora, Nicolau passou a ostentar o honroso símbolo até Lisboa.

A «VI Volta» teve em José Marquês o primeiro detentor da camisola amarela, levou-a até ao Fundão onde Cesar Luis lha arrebatou para a trazer até Lisboa.

Na «VII Volta» o primeiro foi Filipe de Melo, depois, em Faro, Ildefonso Rodrigues mereceu-a, defendendo-a até Loulé. Cesar Luis conquistou-a, mas também a perdeu depois em benefício de Ezequiel Lino, no entanto foi José Albuquerque quem a vestiu para a trazer até Lisboa.

Vem a «VIII Volta». O primeiro a vestir a «camisola» é o francês Dassé, depois Cabrita Mealha, durante 17 etapas. Mas Aguiar da Cunha mereceu-a. Foi por pouco tempo, Joaquim Fernandes vestiu-a logo a seguir até final da prova.

Na «IX Volta» João Lourenço foi o primeiro a usar a «camisola amarela». Depois José Albuquerque apossou-se dela e não mais a largou.

Na «X Volta» — partida e chegada ao Porto — Eduardo Lopes foi o primeiro a ter a camisola. João Lourenço seguiu-o, mas foi Francisco Inácio quem na etapa Cova da Piedade-Santiago do Cacem a envergou até final da Volta.

E vem a «XI Volta». A linda camisola, sonho de todos os ciclistas, tem andado de corpo em corpo. Vestiu-a primeiro Onofre Tavares, depois Custódio dos Reis, seguido de Fernando Moreira. Driess conquistou-a com a sua formidável arrancada na etapa Beja-Evora, depois, por enquanto, João Rebelo. Mas este ano há outra camisola correndo por vezes juntinha à dos consagrados, mas com a lista branca da categoria. É a dos amadores.

Tem sido uma luta entusiástica orgulhosa, a dos «novos» da Volta pela posse, entre si da «camisola».

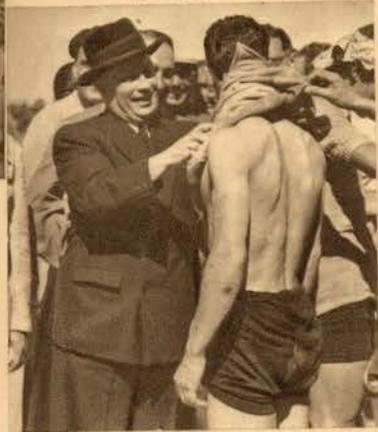
Vestiu-a primeiro José Martins, depois João Lourenço Júnior, logo seguido de Manuel Espadinha e na etapa de Beja-Evora, envergou-a Maximiano Rôla. Ainda a conserva, em Beja, o corredor que é uma revelação, neste lote animado e entusiástico formado pelos «amadores» que disputam a «XI Volta».

A «camisola amarela» Símbolo de campeões, lá anda na «Volta» tentando a luta e honrando o espírito desportivo dos «ases do pedal».

F. S.



O sr. Governador Civil de Faro vestindo a «camisola amarela» a Custódio dos Reis



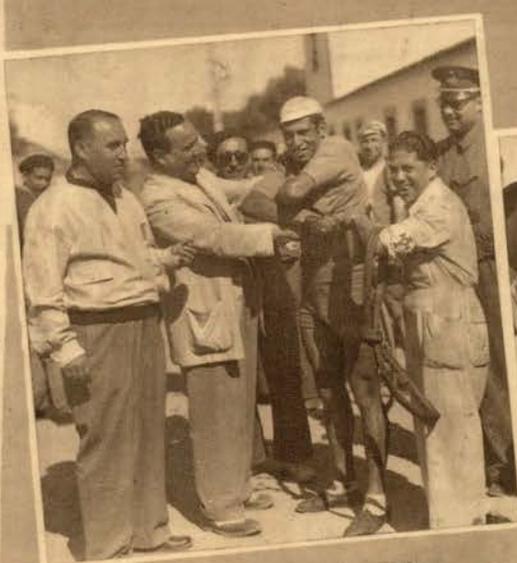
O chefe do distrito de Faro envergando a «camisola» a João Lourenço Junior



Fernando Moreira recebe a «camisola amarela», em Beja



A «camisola amarela» vai colar-se ao corpo de Maximiano Rola



Driess de posse da «camisola amarela»



João Rebelo com a camisola cor de ouro

# XI Volta a Portugal em bicicleta

## A fuga espantosa do marroquino Driss

(Continuação da página 2)

aos solavancos de uma estrada irregular e cheia de covas, uma vida martirizada.

Como a batalha se trava cada vez mais acesa, esta longa caminhada através de Portugal continua a provocar o mais vivo entusiasmo. Nem se podem descrever — tantas são! — as cenas admiráveis que se passam na estrada. Não falando já na colaboração da boa gente do campo, a vibração das pessoas das cidades e vilas é grande. Nem uma só pessoa fica em casa — que todos querem ver passar os corredores.

A tirada revolucionária de Beja a Évora comportou aspectos magníficos e emocionantes. Em Vidigueira e Portel aguardavam os corredores muitas pessoas — que gozavam o espectáculo intensamente. A poeira, um dos maiores flagelos dos ciclistas, não conseguiu manter na passividade os concorrentes. A equipa Iluminante tinha decidido lançar os seus golpes, e lançou-os na devida altura, esforçada e brilhantemente, sem um desfalecimento ou um instante de quebra. O primeiro, correu a cargo do marroquino Djilali, e foi de fraca duração. O segundo, coube a Jorge Pereira, já mais insistente — como que gradualmente subindo. O terceiro e último, irresistível e emocionante, uma marcha vigorosa de quarenta e quatro quilómetros, num ritmo rápido e regular, ao marroquino e também iluminante Driss.

Toda a equipa da Iluminante actuou com notável entendimento. Após as experiências e na tentativa definitiva fez todo o possível para embalar o pelotão da cabeça, onde brilhava a *camisola amarela*. De resto, Eduardo Lopes atrasara-se por avaria.

Competia, verdadeiramente, atacar ao núcleo sportinguista, forte e experiente, mas este não tem mostrado ousadia, e, ainda por cima, João Lourenço, por acidentales, pedalava nos grupos atrasados. As outras equipas não tinham forças para responder, e também Fernando Moreira não tomou a iniciativa de avançar — talvez convencido de que tinha sobre o fugitivo avanço suficiente!

Quer dizer, todas as condições favoreceram o marroquino vitorioso de Évora e conquistador, nesta tirada, da *camisola amarela*. Mas não há dúvida que o seu esforço fica para a história da Prova como um dos mais belos momentos!

Seguimo-lo durante quilómetros. Vivemos, emocionados, e, por um estranho fenómeno psicológico, ansiosos, interessados na luta e no seu triunfo — fundamentalmente a vitória de um atleta e do desporto! — a sua formidável arrancada. Quando alguém lhe dizia o seu avanço, riam-se-lhe os olhos e o seu sorriso tinha qualquer coisa de iluminado. A pedalada, ritmica, conti-

nuava vigorosa, o seu esforço era prodigioso e infatigável. Cerca da meta, a meia duzia de quilómetros, Driss não corria — voava. Em rectas infundáveis olhava para trás, perscrutando o horizonte, mas não se levantava poeira da estrada. Os indícios de perseguição não existiam... Já dentro de Évora, entre filas de povo, lado a lado, a parte final de oitocentos metros foi apoteótica.

E, depois, ficámos à espera... Qual a diferença de tempo? Seria maior ou menor do que o que pensávamos? Só onze minutos e seis segundos depois cortou a meta o homem portuense da *camisola amarela*, e logo outro, e outro, e outro, uma fila colorida. Tinha acabado a tirada revolucionária de Évora.

Entre Beja e Évora — dizia-se, à partida — não surgiriam surpresas. Nem dificuldades. A *«camisola»* não mudaria de dono, o lote mais forte chegaria em pelotão — e tudo o mais de que se fala antes do tempo...

No entanto, depois de Fernando Moreira vestir a *«camisola»*, os ataques tornaram-se vivos, bem organizados e logo após os primeiros quilómetros percorridos. Nem se imagina como lutou a forte equipa da Iluminante!

O primeiro corredor a fazer «experiências» foi Djilali. Ganhou uns metros, cerca de 100 a 200 metros, mas as consequências ainda aqui não foram graves.

Entretanto, surgem os primeiros «furos». E os primeiros amadores a ceder.

Uns quilómetros mais, nas cercanias da Vidigueira, outra fuga — a de Jorge Pereira, também da Iluminante, que levou na sua roda José Novais, amador do Futebol Clube do Porto. Este par chegou a ter uma vantagem de 500 metros pouco mais ou menos.

Os desastres mais sérios apareceram pouco depois do ataque Jorge Pereira — Novais, gorado em pouco tempo. Eduardo Lopes partiu o guidão e contacto com o pelotão por algum tempo — até mudar de máquina.

Mais uns quilómetros galgados, e Baltazar Rocha foi embater contra Aristides Martins, que estava parado. O ciclista de Sangalhos, chocando com certa violência, magoou-se multíssimo num braço e numa perna. Foi, possivelmente, das coisas mais sérias em matéria de desastres.

A estrada, de novo má, ora cheia de terra amarela que se levantava, momento a momento, em nuvens escuras, ora calcetada por pedrinhas que rasgavam tubos e câmaras de ar das bicicletas, provocou variadíssimos «furos».

Manuel J. Pereira, do Salgueiros, foi um dos primeiros. Depois Francisco Inácio, do Sporting. Mais tarde, e por duas vezes,

Onofre Tavares e Fernando Moreira.

Quase todos os corredores desmontaram, aqui e acolá.

«— Só eu — disse-nos Manuel Rocha, o pequeno mas duro ciclista da Iluminante — não fui obrigado a furos, desta vez! Também foi a primeira! Tenho sido um azarento!»

Na Vidigueira, antes um pouco, já Driss estava destacado bem mais de um quilómetro. A fuga principiou numa descida. Foi o terceiro e mais decidido ataque do «team» da Iluminante, que nesta etapa abriu as mais sérias hostilidades. Em S. Manços, mais de 2 quilómetros de vantagem.

O simpático marroquino não fugiu ao pelotão em andar tímido. Numa descida, — voava. Nas rectas, mantendo sempre um andamento marcado pelo conta quilómetros do nosso carro entre 30/31 mil metros à hora, denunciou uma regularidade e uma firmeza impressionantes.

E a distância começou a aumentar... Cá para trás, insensíveis ao ataque, não se progredia. O andamento lento chegou a dar à prova aspectos de passeio sem responsabilidades. Ao grupo da Iluminante, inteligentemente, não convinha atacar, — e não atacou. O conjunto do Sporting — onde Lourenço não podia progredir, visto que o embarcação vários furúnculos — não teve tsiento para perseguir, e o «camisola amarela» Fernando Moreira, encaixado entre bons corredores, viu perdidas várias decisões suas por falta de continuidade.

Entretanto, Driss foi-se aproximando. A sua fuga impressionante, dramática, porque ninguém acreditaria, à saída de Beja, que tal acontecesse, veio a ser compensada pela excelente vantagem de 11 minutos e seis segundos. Com mais um minuto de bonificação — 12 m. e 6 s.

Bonito, não há dúvida. O segundo pelotão lutou ao «sprint». Fernando Moreira, mesmo sobre o fio de chegada, bateu José Martins, e pode dizer-se que ficou por aqui, nesta etapa, a série de proezas do conjunto perseguidor.

No lote de amadores também a luta é viva, ardorosa, mas os conjuntos, mais ou menos iguais, não deixam que apareçam individualidades.

E pronto. Mais um novo «camisola amarela» — Driss.

CASTELO BRANCO, 18 (Pelo telefone) — Portalegre ficou para trás. Rumo ao norte, galgamos para Castelo Branco, por boa estrada. Já começávamos a estar cansados dos percursos poeirentos e trepidantes. A estrada, além de boa, dá-nos panoramas soberbos. Por momentos, deixámos de seguir os corredores para admirar os verdes horizontes infundáveis. Por Alpalhão, Niza, Ródão e Sarnadas — tudo é um encanto.

Quando saímos de Alpalhão, dá-se mais um dos inesperados golpes desta Volta — uma corrida que se desdobra em muitas corridas, tantas quantas as tiradas. Guilherme Jacinto, da Iluminante, tem um rasgo de audácia. Na sua roda não vão outras rodas. Só um pouco mais tarde, em *sprint*, se lhe cola Onofre — que arde em desejos de fazer boa figura e de melhorar a sua posição.

O grosso dos concorrentes vê-o partir sem apreensões. Diríamos melhor afirmando que os ciclistas da frente, na classificação geral, nem chegam a estremececer... É que não acreditam na eficácia do golpe. Logo no fim da tirada, disse-nos um dos gigantes da estrada: *Ele fugiu — porque não interessava. Em todo o caso, não voltará a fazê-lo.*

As descidas até à ponte de Ródão são feitas a grande velocidade. Depois vêm as subidas — intermináveis! — mesmo para os bons trepadores. Onofre despede-se de Jacinto e inicia então, a sua famosa corrida solitária para cortar a meta em Castelo Branco, isolado, com três minutos e picos sobre Jacinto e quatro sobre o pelotão.

A multidão delira e o pequeno Onofre vem ao microfone da Emissora dizer de sua justiça.

# FLECHA

a bicicleta dos campeões

# A ILUMINANTE

## Stand FLECHA

Largo do Intendente, 11 a 17 — Lisboa

BEJA, 15 (Pelo telefone). — Se, espectacularmente, a Volta a Portugal em bicicleta tem alcançado o maior êxito, correspondendo, inteiramente, aos seus objectivos de propaganda, sob o ponto de vista técnico está sendo também outro êxito.

Percorridos já 464 quilómetros, em cinco etapas, os «leaders» de cada categoria têm «tempos» que se traduzem nas seguintes médias:

Independentes . . . . . 30,010  
Amadores . . . . . 29,637

E' natural a diferença que se verifica entre as duas categorias. Mas não há dúvida de que qualquer das médias pode e deve considerar-se boa, atendendo às dificuldades que os corredores tiveram de vencer até Beja, onde terminou a primeira parte da competição.

Se no primeiro dia a etapa foi curta e fácil, dando origem à melhor média parcial registada até este momento (35,877), não sucedeu o mesmo no segundo dia da prova. De Setúbal a Faro os corredores cobriram 269 quilómetros, o que seria bastante para os fatigar, tendo de atravessar ainda parte da planície do Baixo Alentejo, árida e escaldante, e transpor a dura serra do Caldeirão.

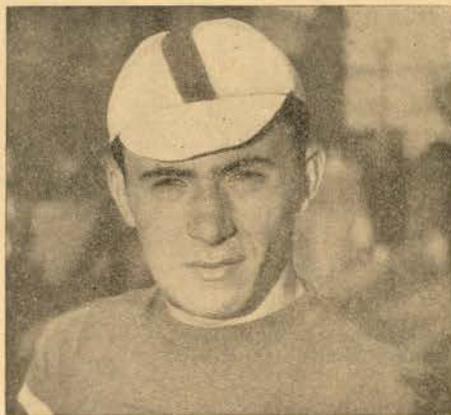
E' por isso mesmo que reputamos de bom valor as médias anotadas até Beja. Não há dúvida de que a inclusão dos amadores foi uma ideia felicíssima, como se tem podido verificar através da sua actuação. O melhor amador seria o 18.º da classificação geral, independentemente da categoria dos corredores, deixando atrás de si 14 dos «ases» que estão a disputar a corrida. E' este pormenor que justifica a chamada dos amadores, proporcionando a revelação de novos valores, dos quais é necessário distinguir, desde já, Rola, João Lourenço J.º, Serafim Paulo e Manuel Palmeira. Se o segundo e o terceiro não são boas revelações — pois trata-se de rapazes com alguns anos de actividade — o mesmo não acontece com os restantes. Rola era iniciado ainda na época passada e de Palmeira, só agora, praticamente, soubemos da sua existência.

As posições dos concorrentes não podem considerar-se definidas. Longe disso. De resto, formular prognósticos é coisa muito arriscada em ciclismo... Todavia, e a avaliar pelo comportamento dos ciclistas, começam a formar-se grupos, dos quais é lícito admitir que sairá o vencedor de cada uma das categorias.

Nos independentes, os mais populares, ou, o mesmo é dizer, os mais categorizados, encontram-se já todos na primeira metade da tabela da classificação e aí devem ficar normalmente. Desse lote salientam-se quatro corredores, todos com o mesmo tempo, diferenciados somente pelas classificações nas etapas. E' assim que Fernando Moreira, o valoroso e simpático ciclista do F. C. do Porto, ocupa o primeiro lugar, o que lhe dá o direito a envregar a tradicional «camisola amarela», com a qual partirá para Évora. Seguem-no Jorge Pereira, Aristides Martins e José Martins, todos, repetimos, com o mesmo tempo. Deste modo nem Moreira pode considerar-se firme na sua posição de «leader», nem nenhum dos outros perdeu possibilidades. E', de resto, o que sucede relativamente aos homens colocados na tabela até 10.º lugar. Dada a característica especialíssima da competição, tudo pode modificar-se de um momento para o outro. Basta, para tanto, um golpe de desfortuna na tirada para Évora... Mas é, com certeza, o contra-relogio que ajudará a esclarecer a nebulosa que presentemente apresenta a lista dos concorrentes.

# As médias revelam o alto valor desportivo da prova

## Luta cerrada nas duas categorias — As possibilidades dos concorrentes — O espírito desportivo dos ciclistas



FERNANDO MOREIRA, o campeão nacional, um dos «leaders» da grande prova

Fernando Moreira, José Martins, Djilali, João Rebelo e Custódio dos Reis são, no consenso quase unânime, dos elementos que constituem a caravana, os favoritos da grande corrida. O equilíbrio de valores, porém, oferece um dos aspectos mais curiosos da competição. Atenda-se a este pormenor: Do 1.º ao 30.º (penúltimo) a diferença é somente de 34m. 50s., o que é, na verdade, insignificante.

Por equipas, só o Sporting e a Iluminante podem aspirar ao triunfo. Nenhuma das outras reúne probabilidades de êxito. A do F. C. do Porto está agora em último lugar, a apreciável diferença de

Iluminante. Esta, por seu turno, tem sobre os «leões» o ligeiro avanço de 1 m. 36 s., que corresponde ao atraso do terceiro sportinguista na etapa de Beja.

Nos amadores não há nenhum com o mesmo tempo. Todos têm posições definidas. Mas as diferenças são insignificantes, em boa verdade. Do 1.º ao 10.º a diferença é apenas de 27 m. 21 s.

Maximiano Rola, do Lisgás, desfruta da vantagem de 3 m. 17 s. sobre João Lourenço, a quem um «furo», na etapa de Beja, fez perder a camisola amarela. Não há que considerar as possibilidades de Serafim Paulo, que aparece «subrepticamente» no 3.º lugar.

Creemos que é deste lote que sairá o vencedor.

Por equipas, o Lisgás tem sobre a disciplinada equipa do Campo de Ourique a dianteira de 14 m. 55s., vantagem, na verdade, muito apreciável.

O Benfica, com uma equipa formada por corredores que só agora passaram a amadores, pois eram iniciados, está dentro das possibilidades dos seus homens, todos muito jovens, sem experiência nem «endurances».

Esperava-se muito, tudo, de José Martins. A sua baixa, a pronunciar-se de etapa para etapa, a partir da terceira, parece ter origem numa recente doença. Este corredor foi eliminado porque, na etapa de Beja, fez parte do percurso agarrado ao carro das bicicletas. De tudo é isto o pior. Louve-se, porém, a atitude do

delegado do clube, que foi quem apontou ao júri a irregularidade. E' assim mesmo que se deve agir.

A prova está, praticamente, no começo. Até Lisboa, de que nos separam ainda mais de 2.500 quilómetros, podem acontecer muitas coisas. E não nos surpreenderá que as camisolas amarelas mudem, com frequência, de possuidor...

E' sobre os «ases» que incidem particularmente as atenções do público. Ainda que a inclusão de amadores constitua uma preocupação louvável de revelação de valores, os independentes prendem mais o interesse de toda a gente.

Não nos parece fácil, nesta altura, formular um prognóstico. Já o dissemos. Mas não é demais repeti-lo.

Fernando Moreira, agora 1.º da classificação geral, está numa situação muito especial. Vê-se, praticamente, só contra as equipas, ambas numerosas, do Sporting e da Iluminante. Por isso, e porque a posse da camisola amarela representa um magnífico benefício, pode prever-se que os corredores daqueles clubes lhe façam, dentro de poucos dias, um ataque formal, em força.

O jovem portuense possui valor suficiente para responder a esse ataque. Rola bem, trepa sem dificuldade e desce com afouteza e segurança. Reune, assim, uma série de predicados que justificam o favoritismo que lhe é dado.

Simplesmente, do lado oposto, estão homens como João Rebelo, experiente, robusto e confiante; Custódio dos Reis, que é um dos bons valores da «Volta»; José Martins, cauteloso e regular, qualidades que, numa prova destas, são excelentes; Jorge Pereira, que pode ajudar a esclarecer as muitas dúvidas que a classificação oferece nesta altura, e Djilali, o marroquino da Iluminante, em boa condição física, sagaz, oportuno e sabedor. E ainda há no lote homens como João Lourenço, Aristides Martins, Júlio Mourão e Eduardo Lopes, capazes de uma proeza de que nada permite duvidar.

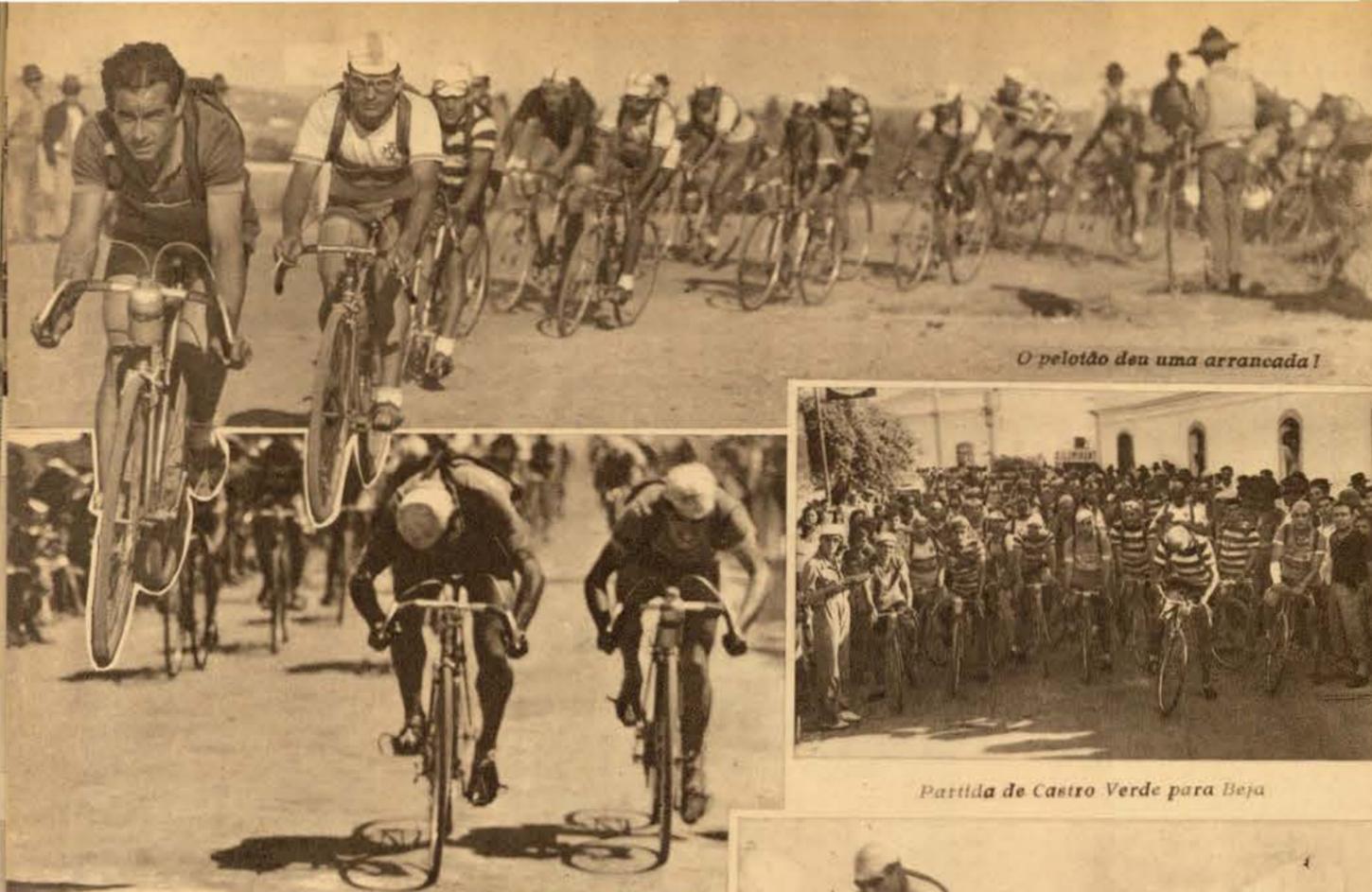
Independentemente das classificações, importa salientar o espírito desportivo de que os corredores têm dado sobejas provas. A luta trava-se dentro da mais perfeita lealdade. E' nobre e correcta. A «Volta» mantém, sob este aspecto, aliás de grande importância, as suas tradições.

Manuel Mota

## O Volante

Entrou no 21.º ano de sua publicação este nosso prezado colega, dirigido com toda a proficiência pelo conhecido jornalista A. de Campos Júnior, a quem cumprimentamos afectuosamente.

Entusiasmo, alegria, valor desportivo  
...e a **VOLTA** continua



O pelotão deu uma arrancada!



Partida de Castro Verde para Beja



Os corredores passam em Niza em boa velocidade



A 8 quilómetros de Castelo Branco



Em Portel, os corredores passam um pouco intervalados

## De Castelo Branco à Guarda a caminho do segundo dia de repouso

Guarda, 19 — (Pelo telefone) — Os dias de duas tiradas são sempre árduos. Os ciclistas vivem a preocupação das máquinas ocupando-se atentamente do seu tratamento. Dir-se-ia que estas máquinas em que rolam são os seus melhores amigos, as coisas mais do seu afecto.

As etapas contra-relógio são turbilhões. Os homens em plena natureza veem-se isolados e entregues ao seu próprio esforço. Uns lutam. Outros vencem.

A partida de Castelo Branco foi monotona. O espectáculo repete-se, monótono, com os mesmos dizeres. Manuel Mota, o juiz de partida, tem sempre a mesma entoação a cada ciclista que pela ordem respectiva se lhe apresenta. *Faltam só 15 segundos; 10, 5, 4, 3, 2, 1, partida!* E a máquina vã. Também nós partimos, e a pouco e pouco passamos os ciclistas, que gotejando suor, encontramos pelo caminho.

Os pontos de referência são escassos, e em verdade não podemos afirmar com absoluta certeza quem vai a fazer boa ou má figura; corrida superior ou inferior à sua forma.

Quando a estrada é ainda plana, Fernando Moreira dá-nos a impressão de ser o melhor. José Martins e João Rebelo também seguem em bom gelto, mas quando alcançamos as subidas vemos o gigante sportingista atacar; vence. Os amadores, em regra geral, também revelam um ritmo certo de pedalada. Joaquim Costa é nitidamente o melhor. Ele próprio o confessa quando ísola da sua vitória: — Sou um contra o relógio!

Porque não correm desta maneira em linha?

A multidão aglomera-se na Covilhã. Toda a gente está nas ruas. O entusiasmo transborda. Primeiro anuncia-se que o tempo do «amador» é o melhor. Depois que João Lourenço o bateu, mais tarde, que Fernando Moreira ainda conseguiu melhorar o seu tempo, e por fim o triunfo, belo, indiscutível de João Rebelo. É o delírio!

Partimos à tarde, em linha, para a Guarda, por Teixoso e Belmonte. A toada é de sossego. O pelotão parece absorvido pela beleza do panorama e mantém-se em conjunto. Apenas se nota um pequeno atraso de Inácio, doente do estomago.

João Rebelo no comando, deixando fugir os mais fracos mas agarrado aos mais fortes.

Os «amadores» aproveitam-se da situação. É a nossa hora! — pensam — e lançam-se para a frente com denodo.

Na ascensão para a Guarda a situação mantém-se. Mas um independente ataca. Implacável. É Império dos Santos, que ganha. Seguem-se na linha da chegada muitos amadores. A multidão entusiasma-se. A cidade da Guarda recebe galhardamente a gente da «Volta». Está absorvida neste desejo. Das janelas pendem colchas e bandeiras. É dia de festa. O ciclismo triunfa.



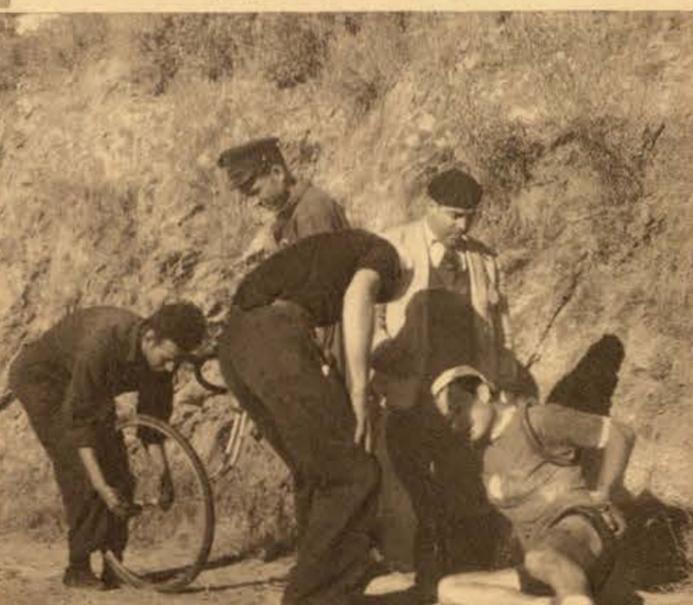
Energia a rodos! Em pleno esforço os ciclistas vencem a estrada



Pedala-se para Portalegre



Os corredores passam a ponte da quinta do Bulhão



Baltazar Rocha, do Sangalhos, deu uma queda. O apolo foi rápido, o ânimo do desportista pô-lo novamente em cima da máquina



Tavares da Silva dá a partida a Tavares da Silva...



Em Évora, Driss aguarda o sinal da partida

Dois flagrantes aspectos do desastre de que foi vítima o nosso camarada Rodrigues Teles.

Os primeiros socorros no hospital de Portalegre, prestados pelo sr. dr. Manuel Rodrigues Esteves, rodeado por Tavares da Silva, Belo Redondo, ciclistas e o nosso dedicado correspondente sr. Maximino Andrade Rato.

# À MARGEM DA VOLTA

O dr. Manuel de Carvalho é o administrador geral da Prova. Vê-mo-lo sempre grave, apuradíssimo, no seu ar de simpatia. A sua única preocupação é que tudo corra bem, e que o Raul de Oliveira esteja satisfeito...

O corredor Onofre Tavares, do Porto, é ainda uma criança, com seus dezoito anos de idade. Vestiu algum tempo a camisola amarela. Quando ainda a envergava, à partida de Ferreira do Alentejo, um dos componentes da caravana, em ar de graça, perguntou-lhe:

— Oh Onofre, V. já tem licença para fazer a barba?  
— A barba vão eles fazer-me de aqui a pouco na Serra do Caldeirão.  
Era verdade!

Uma das grandes tragédias dos acompanhantes não oficiais, e mesmo destes, está nos alojamentos. Não há quartos em nenhum sítio.

Mas também não há comida, nem bebidas frescas. Enfim, alegria não falta!

Em todas as partidas, o jornalista Tavares da Silva recomenda e lembra ao corredor Tavares da Silva a conveniência de este honrar o nome.

Na tirada para Beja, o simpático ciclista teve furos e outras avarias. De sorte que, em uma das vezes que passava pelo carro em que viajava o jornalista do mesmo nome, desabafou:

— O prestígio dos Tavares da Silva está em perigo!

Raul de Oliveira é, evidentemente, o que mais trabalha, e aquele que tem a seu cargo toda a responsabilidade técnica, e, poderíamos acrescentar, outras de diferentes espécies.

O conhecido organizador da Volta a Portugal, tão popular como os corredores, multiplica a sua actividade, e o tempo chega e sobra-lhe — mesmo para os discursos. Até agora, R. O. já produziu mais de uma dezena de orações. E não sabemos o que mais admirar — se a actividade, se a faculdade de discursar do nosso brilhante camarada de jornalismo.

Ernesto Belo Redondo, o redactor do «Diário de Notícias» que acompanha a Volta, é sempre o mais bem disposto de todos e o que conserva o seu inalterável bom-humor, até nos momentos mais azedos. Belo Redondo tem sempre um dito gracioso, ou uma boa observação, para comentar qualquer caso.

Em Beja, serviram-nos (éramos cerca de quarenta pessoas na mesma sala de jantar) uma rodela de ananás tão fininha, que provocou de Belo Redondo o seguinte comentário:

— O homem do hotel comprou hoje um ananás, e conseguiu cortar as fatias tão finas que

serviu ananás a toda a gente e ainda ficou com meio ananás para o resto da semana...

Comentando o incremento que está a ter o movimento das apostas, João Rebelo alvitrava que todos os corredores deviam juntar-se e apostar um dia no corredor mais fraco, evidentemente sem que ninguém soubesse, dispondo em seguida tudo para que o referido ciclista pudesse realmente cortar a meta em primeiro lugar.

E João Rebelo terminava o seu alvitre, dizendo: Nesse dia, a «sorte grande» saía à casa!

Os jornalistas, dirigentes e ciclistas foram ao microfone da Emissora Nacional, em Beja, no dia do descanso.

José Tavares, o delegado do Benfica, disse que a Organização tinha algumas deficiências...

Logo Raul de Oliveira saltou à estacada; que dava um doce a quem organizasse uma prova

desportiva, da envergadura da Volta, sem deficiências... Mas tudo isto se passa no melhor dos Mundos!

Ao lado da luta que se trava na estrada há a luta, dentro dos automóveis das pessoas que acompanham, delegados e auxiliares. Já ouvimos alguns piropos, de carro para carro, no calor da batalha, que faria corar um estrangeiro, mesmo que não soubesse português!

O filho do fotógrafo Jorge Garcia, o fotógrafo oficial da Volta, além de tudo, por ser o único, é o locutor da Volta a Portugal. Nos domínios do camion sonoro, ele é o verdadeiro comandante.

Todos o apreciam — por ser am rapaz simpático e educado. A sua educação revela-se em vários apelos ou recomendações que faz, especialmente nas partidas ou chegadas.

Exemplos:  
— E favor chegar ao camion

do som o senhor soldado que conduz o carro tal...

— Atenção! O senhor carro do Lisgás é favor chegar à meta!

— Dentro em pouco vamos partir. Pedimos a todas as pessoas que nos desculpem partir, deixando esta encantadora terra!

Fernando Moreira vestiu a camisola amarela. Trata-se de um corredor que desfruta simpatia na caravana. E todos os ciclistas lhe desejaram Boa Viagem!

O iluminante Jorge Pereira auxilia o amador Maximiano Rola a envergar a camisola amarela. Era justo! Ele, que o auxilia a correr e a lutar, também o devia acompanhar nos bons momentos. Maximiano, do Lisgás, estava emocionado!

Carvalho, o delegado da Iluminante, logo que viu Fernando Moreira com a camisola amarela, arrancou-lhe um botão e ia entregá-lo a Eduardo Lopes, quando Moreira lhe pediu:

— Entregue o botão a outro, mas a esse não. E o botão caiu no bolso de Driss.

Jornalista Desconhecido

## ATLETISMO

# A liquidação dos Regionais em duas jornadas sem interesse nem lustre

A Associação de Lisboa deixou para uma última jornada três estafetas do seu programa, associando-lhes as competições do torneio feminino e outro torneio para juniores, dotado da Taça Martins Vieira.

Não se pode dizer que a ideia tenha sido feliz; as duas sessões de sábado e domingo foram completamente desprovidas de interesse, nada prestigiaram a entidade organizadora e deram ao escasso público que se dignou presenciar-las uma ideia triste e falsa das possibilidades do nosso atletismo.

Os erros originários do fracasso foram dois: primeiro, o reduzidíssimo número de participantes nas provas femininas, o que não permite dar-lhes independência com segurança de interesse; segundo, a organização de um torneio para juniores em momento tão adiantado da época, quando as competições de categoria e o treino dos rapazes terminaram já há mais de dois meses.

A realização dos campeonatos femininos só se justifica em conjunto com o campeonato masculino; não tem a menor probabilidade de êxito um certame no qual aparecem, em regra, duas ou três participantes por prova e dessas mesmas apenas uma ou outra com valor apreciável.

Também merece reparos a própria organização; demoras inúteis, pouca atenção dos juizes para os mais elementares pormenores (na estafeta 4x200 m. os blocos de partida ficavam no piste e foram os protestos do público que chamaram

para o facto a atenção dos senhores oficiais), e, sobretudo, um juiz de partida impossível, inexperiente e desconhecedor: péssima colocação (de modo a não poder fiscalizar o corredor da corde) e nenhuma autoridade (os corredores bateram a pistola como quiseram e não foram chamados atrás: Deolinda Nunes, do Sporting, nos 60 m.; Figueira, do Belenenses, nos 100 m.; Cachemela, também do Belenenses, nos 200 m.).

Dos resultados técnicos destaca-se a descida de três recordes nacionais. Hedi Sá melhorou para 14, 2 s. o mínimo dos 80 m. barreiras, batendo Georgette Duarte, que, com 14, 4 s., também superou o antigo recorde. Ambas as corredoras fizeram a prova com três passos entre barreiras, novidade em pistas portuguesas.

As equipas do Sporting superaram os recordes dos 4x200 m. e 4x800 m.; o primeiro, apenas por um décimo de segundo, depois de luta empolgante com os benfiquistas, aos quais foi atribuído o mesmo tempo; o segundo, por 3, 7 s., mas com prova inferior à categoria dos especialistas que alinharam.

Na prova de 4x200 m., Matos Fernandes, Nuncio e João Jacinto são merecedores de citação pelas suas corridas. O duelo entre os dois primeiros teve emoção e entusiasmo a assistência. Mais uma vez, para não fugir à regra, Nuncio não soube receber o festiminho; já era tempo de ter aprendido.

O quarteto sportinguista dos

4x800 m. não soube impor um recorde ao nível dos seus recursos; Canhão com 2 m. 7, 6 s., Humberto Bastos com 2 m. 3, 2 s.; João Jacinto com 2 m. 6, 1 s. e Francisco Bastos com 2 m. 5, 2 s., estão longe dos seus melhores tempos, sobretudo os dois últimos.

Confirma-se a impossibilidade de Francisco Bastos correr contra relógio; a classe fela quando o adversário obriga à luta, mas o atleta não consegue vencer-se a si próprio.

Nos 4x1500 m., que os «leões» também ganharam, o vento fortíssimo dificultou o esforço dos corredores e impediu melhor resultado.

Nas provas femininas, só Hedi Sá se destacou; Georgette, nas barreiras, deu uma nota de agrado e tudo o restante foi apenas mediocre, bem pior do que nos anos anteriores.

O torneio de juniores foi pouco animado por escassez de concorrentes, mas os seus resultados foram animadores. Machado ganhou os 100 m. em 11, 3 s., Sancho os 200 m. em 23, 8 s. e Branco os 800 m. em 2 m. 11 s., sendo muito renhida a luta entre os cinco primeiros deste corrido; os concursos foram mais fracos, com 12<sup>m</sup> 81, por Lopes, no triplo-salto, 1<sup>m</sup> 60, em altura, por António Silva e 32<sup>m</sup> 53, com o martelo de 5 quilos, por Gomes dos Santos.

o Sporting, único clube que apresentou uma equipa completa, conquistou a Taça Martins Vieira.

S. C.

## Para substituir o Rio de Janeiro FELICIANO vai para Coimbra!

**A propósito: Uma reportagem da «Folha da Manhã», diário brasileiro**

Foi a única nota de sensação neste período do desfecho do futebol nacional, prestes a terminar, a notícia de que Feliciano embarcaria para o Brasil comprometido por chorudo contrato.

Rua um dos mais fortes pilares da muralha belenense e a notícia agitou o «meio». Mas ao mesmo tempo poucos acreditaram: primeiro, porque a ida de jogadores de futebol para o Brasil, de vez em quando lançada aos quatro ventos, não passa de um lindo sonho; depois, porque se conheciam os emores de Feliciano pelo «seu» Belenenses e sobretudo a Belém.

Ficou-se na expectativa, enquanto o desfecho do grupo nacional, contentíssimo da vida, gozava as férias, a seu belo prazer, descansadamente, quer em Lisboa, quer na Figueira da Foz.

Entretanto, já quase na última hora do prazo concedido para pedidos de transferência, a Federação Portuguesa de Futebol recebeu o de Feliciano, mas simplesmente para este ingressar na Associação Académica de Coimbra! Foi o mais sensacional entre os 300 pedidos que foram enviados à Federação.

Decididamente, Feliciano pensou com consciência, e entre as insinuantes brasileiras e as galantes lricas, preferiu o ambiente amoroso do Choupal.

E Belém? O seu bairro, a camisola azul e a cruz de Cristo do seu clube?

Enquanto isto se passa em redor do nosso internacional de futebol,

o Brasil faz-se eco das informações que por cá se deram.

A «Folha da Manhã», importante vespertino que se publica no Recife, fala na ida de Feliciano para o Brasil.

Aquele nosso colega brasileiro, depois de se referir amavelmente a uma reportagem que recentemente «Stadium» publicou dedicada a Feliciano e de a ler transcrito na íntegra, escreve ao alto da página:

«Uma reportagem sobre o famoso «Astro» português que acaba de ser contratado pelo C. R. Vasco da Gama, do Rio de Janeiro».

Depois, antecedendo a transcrição da nossa reportagem, escreve a «Folha da Manhã»:

«— Sexta-feira da semana passada (o jornal é de 23 de Julho) um vespertino desta cidade publicou o seguinte telegrama:

«LISBOA, 18 — O célebre «footballer» português, Feliciano, que se distinguiu durante as partidas Portugal-França e Portugal-Irlanda, foi convidado pelo clube brasileiro Clube de Regatas Vasco da Gama, devendo partir dentro em breve para o Brasil.»

«— Ora não há dúvida — escreve ainda o nosso prezado colega brasileiro — de que a notícia causou profunda repercussão entre a colónia lusitana aqui residente, bem como entre os simpatizantes do grémio cruzmellino.»

No entanto, ao fim e ao cabo, a última palavra ainda pertencerá a Feliciano.

## Sòmente com triunfos, Paço de Arcos e Académico

são novamente campeões de Lisboa e Porto

PRECISAMENTE no mesmo dia, ou fosse no pretérito domingo, ficaram concluídos os dois únicos campeonatos regionais que se disputam no país: em Lisboa e no Porto. Mas registaram-se, ainda, outras duas coincidências, que, pela originalidade e curiosidade, merecem assinalar-se: tanto o Paço de Arcos como o Académico, do Porto, inscreveram, pela terceira vez, seus nomes na lista dos vencedores (os portuenses confirmando dois triunfos seguidos) e ganharem, contando por vitórias as perdas disputadas — 18 do Paço de Arcos e 10 do Académico! Estes casos, por não serem vulgares, são dignos de apreço e de citação especial.

Existem, porém, outros factos que dão relevo ao brilhante triunfo que conquistaram os acadêmicos e os campeões nacionais: assim, por exemplo, o Académico obteve o melhor resultado em competições oficiais disputadas no Porto (16-0 ao F. C. P.) e para o Paço de Arcos ficou a glória de haver ganho cinco desafios consecutivos sem derrota (na totalidade: 47-0) e de ter feito — abstraindo do record dos sinfrenses: 18-0 ao Lisgás — os melhores resultados da prova: 16-1 e 11-0 ao Campo de Ourique; 15-1 e 13-0 ao Ateneu; 15-2 ao Cascais; 10-0 à Académica e 10-4 aos próprios recordmen, 11-1 e 12-2 ao Sporting de Oeiras; 9-0 ao Benfica; 11-2 ao Futebol Benfica, o campeão destronado! Etc., etc. Tudo conforme se vê, «marcas» relumbrentes...

Ninguém ousará pôr em dúvida, portanto, a justiça e o mérito absoluto dos triunfos que o Paço de Arcos e o Académico obtiveram — confirmação excelente de manifesta superioridade — através de uma época particularmente brilhante, em especial do Paço de Arcos, durante a qual qualquer das equipas ainda não conheceu a derrota. E isto é assinalável — porque representa trabalho e esforço contínuos e consilium legítimo prêmio da sua perseverança no campo do hóquei em patins — tanto assim que os dois clubes não se limitaram a ganhar os títulos principais: em categorias inferiores são igualmente campeões regionais (o Académico sem derrota em 2.<sup>as</sup> e o Paço de Arcos apenas com uma derrota em 3.<sup>as</sup>).

Aonde se depara semelhante façanha? Teríamos de ir buscá-la nas reminiscências dos primórdios do hóquei em patins — ao tempo, felizmente já distante, em que o Benfica, por não encontrar adversários, ganhava tudo, mas tudo, sem discussão e com uma superioridade esmagadora. Agora, contudo, a proeza avulta — em especial no caso do Paço de Arcos — pela maior dispersão de actividades, mais equilíbrio de valores e número superior de praticantes em relação àquela período dos Adriões, dos Leonéis, dos Adões e dos Prezeres, do Benfica, em suma, quando não tinha quem com ele competisse.

Mas, a pesar de tudo, o nome glorioso dos veteranos não pode

(Continua na página 15)

## Um êxito do Problemista RUI NASCIMENTO

seleccionador dos Problemas portugueses no «match» luso-espanhol

O conhecido compositor de Problemas e Mestre da Federação Portuguesa de Xadrez de Lisboa, sr. Rui Nascimento, acaba de obter um notável êxito, conjuntamente com o problemista inglês, Mr. Anderson, que já há alguns anos se encontra em Portugal.

Um problema, composto de colaboração pelos dois xadrezistas, obteve o primeiro prémio no importante torneio internacional da British Chess Federation, adjudicado pelo grande mestre do Problema, Comins Mansfield, de Glasgow.

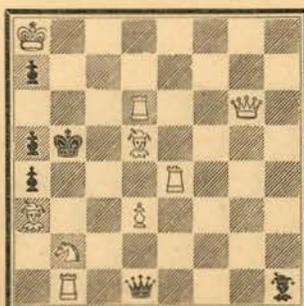
O facto não nos podia passar despercebido, dada a curiosa coincidência de estarem ambos em foco, nas nossas colunas, por causa do «match» Portugal-Espanha, em Problemas. Como é do conhecimento dos nossos leitores, o sr. Rui Nascimento foi indigitado, com plena aprovação da Federação Portuguesa de Xadrez, para seleccionar os problemas, no passo que Mr. Anderson accedia também colaborar na nossa iniciativa, aceitando o cargo de «intermediário» perante os juizes que classificarão as composições.

A classificação do nosso compatriota tem, pois, significado especial, visto vir atestar bem a categoria e a autoridade para desempenhar com êxito a difícil missão de que se incumbia.

A ambos, Rui Carvalho do Nascimento e Gerald Frank Anderson, as nossas efusivas felicitações.

### Rui Nascimento e G. F. Anderson

1.º Prémio — British Chess Federation — 1945-46



Matte em 2 lances

## Custódio dos Reis

(Continuação da página 3)

Uma fuga de José Martins na tirada Castro Verde-Beja

de desmarcação. De resto, a todos os corredores interessou muito a água. Pediam água em todos os sítios. Paravam constantemente para beber água! Até nós...

Quando se distinguiu Castro Verde, silhueta agradável encaixada para além das serranias, só não estavam no pelotão da frente uns tantos amadores e Túlio Pereira, um rapaz animoso mas variadíssimas vezes perseguido pela má sorte.

A meta estava colocada numa subida. O pelotão avançou compacto, e roda a roda travou-se o duelo Custódio dos Reis-Onofre Tavares: Sporting-Porto. Uns poucos metros para diante dariam, possivelmente, o triunfo ao pequeno portuense. Mas o «Camisola amarela» Faro-Castro Verde-Beja tem experiência e poder. Ganhou bem a etapa, trazendo na sua sombra homens desta classe: Fernando Moreira, o já indicado Onofre, João Rebelo, João Lourenço, Djilali, Jorge Pereira, José Martins, etc. Eduardo Lopes, como já dissemos em cima, perdeu segundos por causa da queda de que foi vítima. O mesmo aconteceu a Dias Santos, mais combatido ainda.

Reentrámos, novamente, no percurso demolidor que assinalou a tirada de Ferreira do Alentejo para baixo. José Martins aproveitou-o para uma fuga entusiástica e que custou a eliminar, tão vigorosa ela foi. Para vencer o excelente corredor da Iluminante foi preciso lutar com valentia. E lutou-se. Foi dos momentos mais belos da etapa, se esquecermos a perseguição fantástica de Fernando Moreira, durante quase duas horas, na corrida Ferreira do Alentejo-Faro.

O campeão nacional «furrou», também, numa altura culminante. Onofre Tavares, rapidamente, ofereceu-lhe a sua máquina, — e Fernando não teve depois apreensões. A meta, instalada também numa rampa, em Beja, chegou um pelotão menos compacto. Faltava Custódio dos Reis, e Jorge Pereira, primeiro, e Moreira, na roda de trás, atingiram primeiro a linha branca.

Nos amadores também houve estragos. Foi o momento da camisola amarela passar para o corredor Maximiano Rola, do Clube Desportivo Lisgás. Alguns amadores que andam na volta são endiabrados.



Os quatro cavaleiros fazem cortezias depois de abandonarem o coche

**T**HE Portuguese bull-fight is very different from the spanish «corrida» — e foi isso que aos marinheiros americanos demonstrou o S. N. L., e com luxo de colchas brancas e panos de armas, panejamentos de veludo e gestões de verdura e, sobretudo, com aparatosas cortezias ou vénias. Apareceu o neto de negro vestido e embuçado, os pagens de ouro e branco, os chameleiros de azul e emplumados, o grande coche dourado com os quatro cavaleiros, a azémola com os dois grupos de forcados, os campinos, os bandarilheiros, os «papagaios» e os «carecas» que na festa nos representaram porque, sendo careca, cabe-me papagaia o que vi.

E direi que vi Simão da Veiga tourear muito bem o 1.º dos touros do sr. José Infante da Camara, cravando boas farpas, bons curtos e curtíssimos, pelo que foi chamado com Torres Pereira que pegou bem.

Depois vimos Procópio fazer a sorte de cadeira à saída do 2.º, e cravar bem, no que foi depois seguido por António Correia. Simão e Procópio brindaram ao sr. Presidente da República e José Boto, do grupo de Montemor-o-Novo, ao chefe do Governo, sendo chamado o cavaleiro e o forcado. Vimos Gorjão dar o salto de vara à saída do 3.º em que Nuncio lutou heroicamente com um cavalo medroso, que aliás foi colhido, logrando, porem, um boa farpa e um bom curto, e sendo chamado com Matos que pegou bem.

E vimos Murteira Correia e D. Francisco de Mascarenhas tourear a duo, aproveitando bem os ressaltos o segundo dos cavaleiros, e sendo chamados com Filipe Malta e Murteira Correia, irmão do cavaleiro, que pegaram bem de cernelha.

Depois vimos a filha do almirante da esquadra, «Miss» Hewitt, oferecer a cavaleiros e forcados «moñas» e bandarilhas de luxo que foram trazidas à Praça pelos já referidos pagens de branco e ouro.

O coche do século XVIII, com postilhões e alabardeiros, que conduziu os cavaleiros



## "GALA BULL-FIGHT"

Após o intervalo, em que as bandas das Armadas de Portugal e dos Estados Unidos voltaram a alegrar o público com marchas militares, vimos um touro armado em paliteiro «by toureiro a duo beetwen Simão da Veiga and João Nuncio, moun. ted», terminando com um grande curto do primeiro após um grande e alegre preparação, abraçando-se ambos e sendo os dois aplaudidos. E vimos Murteira Correia cravar no touro seguinte um bom curto e um bom par a duas mãos, pelo que foi chamado com Patrício que pegou bem.

E vimos ainda Gorjão fazer aquela sorte de gaiola que inspirou novas sortes a «Gordito» e, no último, o cavaleiro D. Francisco de Mascarenhas quebrar curtos como Simão e cravá-los curtíssimos, e ser aplaudido com Feliciano Reis que pegou bem.

### Juízo crítico

Os marinheiros americanos, a quem esta corrida à antiga e de gala foi dedicada, devem ter gostado da arte dos cavaleiros portugueses, mas a valentia dos forcados deu-lhes no gôto. Ficaram tão surpreendidos com aquilo dum homem dominar um touro, «dominate the bull», que começaram por nem poder aplaudir, para logo recuperarem forças para dar palmas sempre que os valentes moços as batiam aos touros.

Talvez que por fim os cansasse a abundância de cavaleiros, mas gostaram. E tiveram naturalmente de gostar, como nós, do luxo aparatoso das decorações e das cortezias, ricas e protocolares, as vénias clássicas.

Porque, a verdade é que esta corrida à antiga portuguesa foi autenticamente de gala e «in the portuguese style».

### «El Terrible Pérez»

Uma péga à antiga portuguesa com o touro no ar pelos quartos trazê-los



# ASPECTOS da "VOLTA"



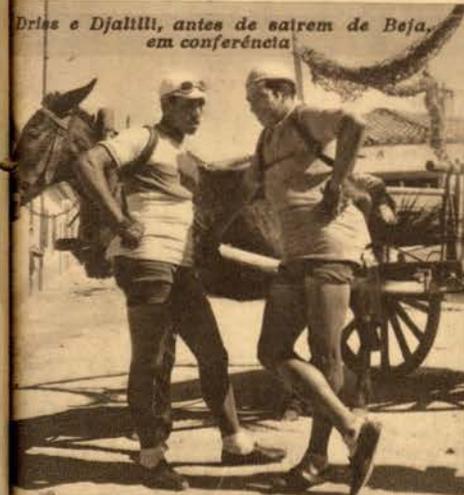
Raul de Oliveira — o homem da Volta a Portugal — via com alegria recomençar a «sua» grande prova desportiva



Jorge Pereira saudado por tres sorrisos galantes de gentes entusiastas



«Stadium» enviou à «Volta» dois dos seus melhores elementos. Tavares da Silva, chefe da redacção e Rodrigues Teles, sub-chefe, seguiram para a grande reportagem. Competência, entusiasmo, dedicação eis os dotes especiais dos nossos distintos camaradas. Infelizmente, como noutra local relatamos, a colaboração preciosa de Rodrigues Teles foi brutalmente interrompida por grave desastre.



Drlis e Djallili, antes de saírem de Beja, em conferência



Camaradagem! Em Beja, João Rebelo bem apoiado por dois adversários, mas dois amigos



Os directores do Sporting foram a Beja saudar os seus corredores



Em Beja, no decorrer da entrega de prémios



No primeiro dia de repouso dos ciclistas um dos seus passatempos foi o bilhar

# A VIDA DESPORTIVA FORA # POR ESSE MUNDO

## FUTEBOL

### O «Dinamo» de Moscovo, em dificuldade

O famoso clube de futebol da U. R. S. S., «Dinamo», que tanto deu que falar pela qualidade magnífica do seu jogo e pelos resultados obtidos durante a digressão que efectuou na Inglaterra, competiu, há oito dias, em Moscovo, contra a equipa búlgara «Lokomotive».

De princípio, os visitantes dominaram, conseguindo obter 3 tentos sem resposta. Depois, mercê de um esforço colossal, os russos fizeram o empate.

Ambos os grupos terminaram fatigadíssimos.

### O primeiro desafio internacional

NO dia 24 do corrente realizava-se, no campo do clube Manchester City, o primeiro desafio internacional da época 1946-47 entre a Inglaterra e a Escócia.

Espera-se uma grande enchente, não só pelo interesse que o jogo desperta, como pelo facto da receita se destinar às vítimas e às famílias das pessoas que sofreram o desastre do campo do Bolton, em Março transacto.

O onze inglês alinhará a seguinte composição: Swift; Walton e Hardwick; Wright, Leuty e Mitchell; Mathews, Carter, Lawton, Fielding e Mitten.

## ATLETISMO

### Os campeonatos europeus de Oslo

ENCONTRAM-SE totalmente esgotados os lugares do Estádio Bislet, da capital da Noruega, onde se realizam, na segunda quinzena do corrente mês, os campeonatos europeus de atletismo.

A lotação do referido estádio é relativamente modesta, porquanto só consegue albergar 27.000 pessoas, mas o facto de tudo se haver vendido com antecipação demonstra o interesse nacional pelo acontecimento.

### A Federação Internacional homologa 45 recordes

SOB a presidência do inglês Fern, reuniu-se, em Londres, a FINA, para estudo e reconhecimento de vários recordes amadores, batidos durante e depois da guerra.

O famoso Alan Ford ficou proprietário das 100 jardas e 100 metros (estilo livre) respectivamente com 49,7 e 55,9 segundos.

O havaiano Bill Smith figura, nas 220 jardas e 200 metros, com tempos de 2.06,2 e 2.07,1; nas 440 jardas e 400 metros com 4.38,5 segundos em ambas as provas; e nos 880 e 800 metros em 9.54,6 e 9.50,9 segundos.

De «bruços», homologaram-se os tempos de Ralph Hough nas 100 jardas e 100 metros (1.00,6 e 1.07,3). De «costas», registaram-se alguns tempos de Adolfo Kiefer nos 150 metros (1.30,4), nos 200 (2.19,3) e nos 400 (5.10,9).

## HIPISMO

### A corrida de St. Leger

O recente sucesso do poldro *Nirgal* e a desistência de *Steady Aim*, vencedor da corrida «Oaks», ultimamente disputada, retirou as perspectivas de interesse pela competição St. Leger.

A cotação oferecida agora põe em pé de relativa igualdade o vencedor do Derby D'Epsom, *Airborne*, (5-2) e o cavalo francês do sr. Boussac.

*Nirgal*, entre outros adversários, defrontará *Gulf Stream*, *White Jacket*, *Anwar*, *Radiotherapy*, *Groupier*, *Iona* e *Neapolitan*.

## BOXE

### Uma vitória atômica

O campeão de Inglaterra (meio-pesados) Freddie Mills despatchou em dois minutos e meio o campeão da Suécia (pesados) John Nilsson.

O desafio durou pouco; apenas o preciso para o pugilista nórdico bater com os costados na lona por três vezes.

Depois da refrega o britânico declarou que resolvera provar à saciedade a excelência dos seus golpes. O suco, interrogado pelos jornalistas, foi mais circumspecto e fechou-se num prudente mutismo.

Lá diz o ditado: «a palavra é de prata, mas o silêncio é ouro».

### Nova vitória de Alberola sobre Gonzales

REALIZOU-SE em Valência o combate-desforra entre o pugilista catalão Teodoro Gonzales, adversário de Larzen e de Levi, e o seu recente vencedor, por fora de combate, Alberola.

A vitória, desta vez pontual, demonstrou as possibilidades do valenciano, que, dominado nos primeiros períodos da luta, tomou ascendente nos derradeiros assaltos, pondo em dificuldade o jogador catalão.

### Joe Louis contra Mauriello

EMBORA o rival mais sério do preto Joe Louis seja outro preto — Jersey Joe Walcott — vencedor de Joe Baksi e Lee Oma, está na forja um combate para o campeonato mundial entre Joe e Tami Mauriello.

Mauriello não é ainda o «espada» que ponha fim à carreira do fortíssimo negro de Detroit. É lento, tem um cancanhar sensível que o faz tombar a miude no sobrado (mesmo sem ter levado golpes...), mas bate rijo.

O combate está marcado para Setembro que vem.

## NOTA DA SEMANA

**FIÉIS** a uma tradição profundamente lógica, que desde longa data têm defendido teimosamente, os ingleses recusam-se a discutir quaisquer mudanças no estatuto que define o amator.

Dentro da concepção sóbria de que os menores benefícios pecuniários, mesmo aqueles que se destinam a substituir e compensar salários perdidos, contrariam e ofendem a ética do amorismo puro, os britânicos, intolerantes e fanáticos, mantêm o seu ponto de vista. Ameaçam, até, os outros povos, de se isolarem por completo, deixando de comparecer aos Jogos Olímpicos, caso venha a admitir-se a teoria da compensação do broken time, que nós traduzimos, livremente, por salários perdidos.

Parece-nos que os ingleses, mais uma vez campones do bom-senso, têm profunda razão. Admitindo, como admitem, a existência do profissionalismo, encaram-no como modo de vida. Só a falsa aparência, o logro, a profissão encoberta lhes repugna a sensibilidade.

Entre nós parece suceder precisamente o contrário. Admite-se a compensação dos salários perdidos e até se abonam alguns escudos para pequenas despesas.

Causou-nos espanto a liberalidade das 125 pesetas distribuídas aos atletas que se deslocaram a Barcelona, a representar o País.

Pelo visto, só um teve pejo e recusou. Temos de aceitar, como explicação do fenómeno, que a brandura dos nossos costumes, como formiga-branca, vai correndo o edifício da tão decantada e deformada «ética», que certos organismos têm, por dever e obrigação, de zelar e defender a todo o custo.

R. B.

## CICLISMO

### O Grande Prémio Ciclista

DISPUTOU-SE em Zurique (Suíça), num percurso de 104 quilómetros, o Grande Prémio das Nações. Tomaram parte, na corrida, ciclistas belgas, suíços, franceses, holandeses e italianos.

A vitória coube a Kaers (Bélgica), em 2 horas 39 minutos e 38 segundos, e nos postos imediatos figuraram: Bini (Itália); Klint (Bélgica); Bolligar (Suíça); Schulte (Holanda), etc.

### Os próximos campeonatos do Mundo

ORGANIZADOS pela União Velocipedica Helvética, realizam-se, entre 24 de Agosto e 1 de Setembro, os primeiros campeonatos mundiais celebrados após a guerra.

Dois dias antes da inauguração reúne-se o 73.º Congresso da União Internacional de Ciclismo e uma Comissão especial estudará as alterações a fazer ao novo Código dos Amadores.

As provas dos Campeonatos são as seguintes: Campeonato Mun-

dial de Velocidade (Amadores e Profissionais), Campeonato de Meio Fundo atrás de motocicleta (100 km.), Campeonato de Perseguição, Campeonato de Fundo (Amadores: 189 km.; Profissionais: 270 km.)

As provas de velocidade, perseguição e meio-fundo efectuam-se no Velódromo de Oerlikon (Zurique) e as de fundo realizam-se num circuito de estrada com 13.500 metros de extensão.

### A Itália concorre ao Campeonato

DIZEM de Milão que Bartali, Coppi, Ricci e Ortelli, destacados ciclistas italianos, participam oficialmente nos campeonatos mundiais de Zurique.

### ... e a Espanha talvez não

EMBORA seleccionados, cinco destacados velocipedistas espanhóis (Berrendero, Olmos, Orbaiceta, Trueba e Fombellida...), que deviam comparecer nos Campeonatos Mundiais, ficarão retidos no seu país por razões várias, que não se encontram esclarecidas.

**O**S organizadores da Volta a Portugal em bicicleta haviam incluído no festival de partida da grande prova, no Estádio do Lamiar, um programa de atletismo bastante interessante e digno da mais leal colaboração dos praticantes e dirigentes da modalidade.

A afilência do público estava assegurada pelo empenho em ver e aplaudir os ciclistas e era portanto excelente oportunidade para eficaz propaganda, apresentando lutas interessantes e a exibição dos nossos mais conceituados camp.ões. Afinal, sucedeu muito diferente, porque grande parte dos atletas convidados decidia não aparecer, deturpando por completo os louváveis propósitos da organização.

O andamento do espectáculo também deixou bastante a desejar, não melhor, antes pior do que o habitual em matéria de lentidão; entre o fim do concurso do lançamento do martelo e a partida da estafeta 10x100 metros houve apenas 23 minutos de intervalo.

Assistimos ainda a uma novidade em concursos atléticos: a disputa de corridas e concursos

# O programa de atletismo

## no festival da partida da Volta

com acompanhamento musical, ruidosas marchas tocadas por bandas militares naqueles momentos de concentração em que é uso o alto-falante pedir silêncio aos espectadores.

Os resultados foram, no geral, maus e a concorrência íraca; exceptua-se o tempo de Matos Fernandes, nos 200 m. barreiras, o qual bate o recorde nacional com 26,5 s.

Na prova de 100 jardas, a ausência de Paquete foi uma desilusão; Nónio, debruçando um junior e dois principiantes, ganhou distanciado apesar da péssima partida, que lhe valeu logo um atraso inicial de mais de dois metros. Tempo modesto, 10,4 s., o que não deve admirar, dadas as circunstâncias apontadas.

Novo desapontamento nos 800 metros, com a ausência de Francisco Bastos, que, segundo informou o anunciador, telefonara para o Estádio avisando estar impossibilitado de correr. Jacinto substituiu-o, dando dez metros a Adriano e 20 m. a Gilberto, o que nos pareceu exagerado. Em menos de 300 metros, estavam os três juntos, mas o esforço foi demasiado brusco e no momento da embalagem as pernas não obedeceram; Jacinto foi ultrapassado por Gilberto sobre o fio e o seu tempo, 2 m. 4,2 s. é apenas modesto.

Os 300 metros foram bem disputados; até à entrada da recta final, Canhão acompanhou Matos Fernandes, ambos precedendo Artur Dias de alguns metros. No ditimo arranco, Matos distanciou-se, para vencer em 37 s., e Dia

passou ainda Canhão, batendo-o por 3 décimos de segundo.

Nos quatro concursos só merece aplauso o salto à vara de Mário Lemos, 3,35 m., a sua melhor marca de sempre. Martins Vieira, seu único adversário, saltou tão desconexadamente como em Barcelona e ficou nos 3,13 m.

A prova de salto em comprimento foi vencida por Moniz Pereira, com 6,23 m., opondo-se-lhe dois principiantes apanhados na ocasião, em virtude de terem faltado todos os restantes saltadores convidados.

Os dois lançadores de peso internacionais, Pinto Basto e Emílio Ruivo, alcançaram, respectivamente, 12,48 m. e 12,17 m., distâncias muito aproximadas às que obtiveram em Espanha; quem vêr que também tinham ido de comboio para o Lamiar!

No concurso de martelo, os lançadores estiveram desastrosos. Ruivo não tem a mínima noção da técnica do exercício; Bastorff Ferro pretendia dar três voltas no círculo e não conseguia dominar o aparelho; Manoel da Silva está girando mal com o martelo em torno do corpo (o ponto inferior da circunferência desviado para diante) e em consequência, o lançamento sai baixo e a trajectória perde muito do seu alcance.

O certame encerrou-se com a estafeta 10x100 m., entre equipas do Sporting e do Benfica, vencendo os "leões", com vantagem, desde o primeiro percurso. Como demonstração geral de "como se não deve passar o testemundo", era difícil conseguir melhor. No grupo vencedor vimos uma única boa transmissão: Machado-João Jacinto.

Salazar Carreira

## HOQUEI EM PATINS

(Continuação da pág. 11)

ser preterido em favor dos novos eses da modalidade — porque todos eles (antigos e modernos) são credores da mesma simpatia e veneração. Ao lado de antigos jogadores, como os que citamos acima, pluralizando-lhes os nomes, ficam multíssimos bem um Sidónio ou um Olivério, um Jesus Correia ou um Correia dos Santos. E não se esqueçam outros... Iguemente merecedores de admiração — e de incentivos. O passado não morre, mas fica a saudade do tempo que já mais volta, enquanto o presente deve ter-se como indicação segura de um futuro risonho. Três eras perfeitamente distintas: passado, presente e futuro. Mas absolutamente iguais — porque se uma foi brilhante e se a outra está tendo grande voga... é natural esperar-se que o futuro se encontre promissor. Façam-se votos por que assim seja, e aguardem-se...

Jorge Monteiro

# Comentários

## Como vai ser isso?

**S**EGUNDA informação fornecida pelos jornais organizadores, a chegada da Volta far-se-á em 1 de Setembro próximo, englobada no programa de um grande festival que terá como cenário o Estádio do Jamor.

O caso tem-nos dado que pensar e, embora nos mereçamos inteira confiança a competência e o bom senso de quem preside à Comissão Dirigente do Estádio Nacional, pareceu-nos conveniente pôr a público a interrogação que nos preocupa: onde se fará, no Estádio Nacional, a chegada dos ciclistas da Volta?

O problema tem de cingir-se a duas únicas soluções possíveis: dentro do recinto, na pista de atletismo, ou fora do recinto, na Praça da Maratona ou imediações.

Nenhuma das hipóteses nos parece feliz; consentir que os corredores invadam o anel de cinza destinado aos atletas seria um autêntico crime, que não podemos acreditar passe pela cabeça de alguém com responsabilidades no assunto. A pista ainda está longe do óptimo, mas isso não é razão para que se estrague o que já foi feito com muito trabalho e sucessivos aperfeiçoamentos.

Estabelecer o local de chegada fora do Estádio, longe das vistas da multidão que haja ocorrido a encher as gradarias na esperança de ver o último arranco dos seus ídolos, tão pouco é decisão que possa considerar-se feliz. Então? Como vai ser isso?

A verdade é que o Estádio Na-

cional não foi construído para receber ciclistas e querer metê-los lá dentro nunca poderá trazer bons resultados.

Escolha-se qualquer solução, que nunca satisfará; mas, formalmente, é bom que se afirme desde já: bicicletas na pista de atletismo, nem levadas à mão.

## Das hipóteses à realidade

**A** crítica séria de qualquer acontecimento joga apenas com os elementos reais que os factos lhe oferecem; entrar em malabarismos com o jogo das condicionais para explicar o que deveria ter sido, mas não foi, não dignifica o critério do comentador.

Tomar como base "se não fosse" ou "se tivesse sido", é construir em terreno monedito. O que importa, o que vale, é apenas o que sucedeu ou não sucedeu.

No último número da revista "Marca", o dr. Hernandez Coronado, que era um dos técnicos mais apreciados do atletismo espanhol, gasta uma página para demonstrar que a Espanha devia ter ganho aos portugueses por 20 pontos no encontro de Montjuich e, se tal não aconteceu, foi porque os nossos corredores de 10.000 m. não se deixaram vencer, como convinha aos cálculos do dr. Coronado.

É realmente estranha esta forma de argumentar, porque todos os espectadores presentes no Estádio viram que a corrida foi conduzida pelos espanhóis como muito bem lhes aprouve e o par

Marques-Silva, apesar da má disposição física do segundo, venceu, quando e como quis, apenas por uma razão: melhor classe desportiva do que os adversários.

Se quiséssemos brincar com os "ses", a exemplo de Rafael Coronado, poderíamos, com idêntica propriedade, reduzir consideravelmente a diferença de pontuação de Barcelona: "se Fernando Ferreira ganhasse os 110 m. barreiras como merecia; se João Silva corresse os 3.000 m. em boa condição física; se Herculano atingisse os 40 m., que lhe são normais; se Santos Vieira tivesse substituído Martins Vieira e Montalvão houvesse transposto os 3,50 m. que conseguira no treino de sexta-feira; se Tamegão lançasse o dardo na média das suas possibilidades; se os 800 m. fossem corridos no sábado, com provável vitória de Bastos; se Sampaio corresse os 200 m. sem a fadiga dos 400 m. da véspera; se tudo isto tivesse acontecido, e não seria para espantar, Portugal teria ganho por 8 pontos de vantagem. Vê, o dr. Coronado, onde nos leva o jogo das hipóteses?"

O que mais nos surpreendeu, porém, na crónica de Hernandez Coronado, que sabemos ser um apaixonado da estatística, possuidor de arquivo com milhares de verbetes de resultados de todo o mundo, foi o seu suspeito desconhecimento dos actuais recordes ibéricos.

Afirma, na sua crónica, que os únicos em poder dos portugueses são os dos 100 m., 400 m. barreiras, triplo salto e lançamento do martelo; aconselhamo-lo a corrigir os seus verbetes ou a dominar os desejos do seu espanholismo, pois, por enquanto, pertencem também aos portugueses mais as marcas dos 200 m., estafeta 4 x 100 m., lançamento do disco e, em igualdade com os nossos rivais, o dos 110 m. barreiras.

Para o ano veremos o que se pode arranjar.

# OS CAMPEONATOS regionais de ATLETISMO



A atleta almadense Almerinda Correia, no lançamento do peso



Edi de Sá, «record» dos 80 metros, barreiras



A equipa senior do Sporting, 4 x 200, novo «record» Cantão, Dias, Jacinto e Núncio



A chegada de Monteiro, nos 4 x 100

## O 27.º aniversário do Nacional de Natação



Comemorando o seu 27.º aniversário, o Clube Nacional de Natação fez disputar na sua piscina uma série de provas. Fixamos o grupo dos concorrentes

# PORTO <sup>no</sup>

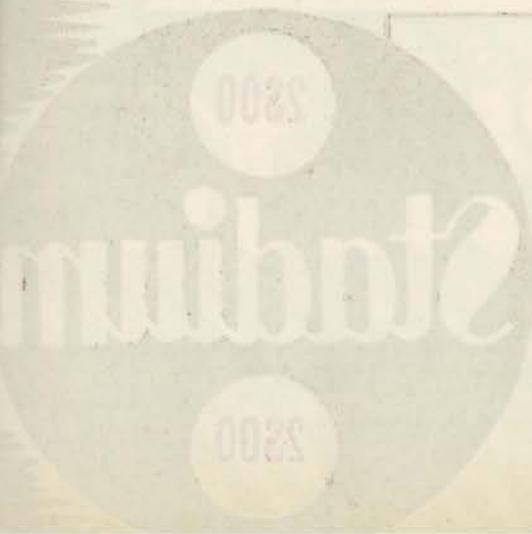


3

- 1 — Pedro Brandão, abandonou a sua actividade desportiva. O Galitos da Foz, premiou o seu atleta com a medalha de mérito desportivo.
- 2 — A equipa do Académico F. C., campeã regional de oquei em patins.
- 3 — Os concorrentes ao Campeonato de Tenis da Foz.

# A PORTUGAL

A equipa do SPORTING



# A Alumina

A maior organização do Império

MATERIAL ELECTRIC

B I C I O L E T A S

ALUMINA



À passagem dos corredores pela província do Algarve, vendo-se uma linda chaminé à esquerda

# *A Iluminante*

A maior organização do Império  
em MATERIAL ELÉCTRICO

B I C I C L E T A S

LISBOA

PORTO

Av. Almirante Reis, 6

Logos do Intendente, 11 - 17

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

2\$00

# Stadium

2\$00